

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MANOEL DE SOUZA LIMA NETO

O MAL E O SOFRIMENTO À LUZ DA PROVIDÊNCIA DE DEUS:
Enxergando Benefícios na Dor

São Leopoldo

2010

MANOEL DE SOUZA LIMA NETO

O MAL E O SOFRIMENTO À LUZ DA PROVIDÊNCIA DE DEUS:
Enxergando Benefícios na Dor

Trabalho Final de Mestrado Profissional para
obtenção do grau de Mestre em Teologia do
Programa de Pós-Graduação.

Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Doutor Uwe Wegner

Segundo avaliador: Ênio Ronald Mueller

São Leopoldo

2010

RESUMO

O sofrimento humano tem permeado e desafiado a teologia e ciências afins na tentativa de apresentar um entendimento racional ao problema do mal. As várias correntes religiosas, teológicas e filosóficas são objeto de apreciação neste estudo na tentativa de se condensar um arcabouço teórico que, à luz as Escrituras Sagradas, seja capaz de minimizar os conflitos que nascem do desafio de se compatibilizar o conceito de um Deus bondoso com a inequívoca constatação do sofrimento humano. A partir de uma premissa endossada pela teologia histórica e reformada de que Deus faz acontecer todas as coisas no mundo e na vida das pessoas, este estudo tem por objetivo elucidar a questão do mal e do sofrimento, bem como apresentar os possíveis benefícios que o sofrimento pode proporcionar ao indivíduo. Pretende-se apresentar uma argumentação bíblica que possa contribuir para dar uma resposta ao problema do mal e do sofrimento. Além disso, contextualizar o mal e o sofrimento no plano de Deus. As várias tentativas religiosas e filosóficas de darem uma resposta plausível ao problema do sofrimento acabam por criar barreiras intransponíveis quando confrontadas com a Bíblia. Cosmovisões errôneas acerca de Deus encontram fortíssimas resistências na Bíblia e contradizem conceitos solidificados ao longo da história da igreja. Algumas dessas cosmovisões têm assumido destaque no discurso teológico quando a questão do sofrimento é abordada. Embora o discurso mais conservador de que o pecado é a causa do sofrimento ele não explica todas as formas de sofrimento, nem a Bíblia aceita o pecado como razão única para o sofrimento. Não é possível enxergar o sofrimento sem olhar para o calvário. Não é intenção abrir espaço nesta pesquisa para confrontar as diferentes linhas teológicas quanto ao entendimento sobre os planos de Deus, mas apresentar um entendimento de como o sofrimento se encaixa no plano eterno de Deus.

Palavras-Chave: Deus, Sofrimento, Bíblia, plano de Deus, Pecado.

ABSTRACT

Human suffering has permeated and challenged the theology and related sciences in an attempt to present a rational understanding of the problem of evil. The various religious denominations, theological and philosophical object are considered in this study in an attempt to condense a theoretical framework in the light of Scripture, is able to minimize the conflicts that arise from the challenge of reconciling the concept of a loving God with the unequivocal finding of human suffering. From a premise endorsed by the historic and Reformed theology that God makes all things happen in the world and in people's lives, this study aims to elucidate the question of evil and suffering, as well as presenting the potential benefits that suffering can provide the individual. Seeks to present a biblical argument that can contribute to respond to the problem of evil and suffering. Moreover, contextualizing the evil and suffering in God's plan. The various religious and philosophical attempts to give a plausible answer to the problem of suffering eventually create insurmountable barriers when faced with the Bible. Worldviews misconceptions about God are strong resistance in the Bible and contradict concepts solidified throughout the history of the church. Some of these worldviews have assumed prominence in theological discourse when the question of suffering is addressed. Although the more conservative discourse that sin is the cause of suffering he does not explain all forms of suffering, nor the Bible accepts sin as one reason for suffering. Can not see the suffering without regard for the ordeal. It is not intended to open space in this research to compare the different lines on the theological understanding of God's plan, but to present an understanding of how suffering fits into God's eternal plan.

Keywords: God, Suffering, Bible, God's plan, Sin.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 O PROBLEMA DO MAL.....	10
2 A DIFÍCIL TAREFA DE COMPREENDER O MAL E O SOFRIMENTO: Um Sumário de Três Concepções Teológicas e de Diferentes Cosm visões Sobre o Tema....	14
2.1 Sumário de Três Concepções Teológicas.....	15
2.1.1 <i>Primeira Concepção: Deus Determina e Controla Todas as Fatalidades</i>	15
2.1.2 <i>Segunda Concepção: O mal e sofrimento são produzidos pela pessoa humana</i>	19
2.1.3 <i>Terceira Concepção: Teologia do Processo</i>	20
2.2 Diferentes Cosm visões para o Problema do Sofrimento Humano	22
2.2.1 <i>Deísmo</i>	23
2.2.2 <i>Hedonismo</i>	24
2.2.3 <i>Estoicismo</i>	25
2.2.4 <i>Panteísmo</i>	26
2.2.5 <i>Budismo</i>	28
2.2.6 <i>Hinduísmo</i>	29
2.2.7 <i>Islamismo</i>	30
2.2.8 <i>Judaísmo</i>	31
3 DEUS E A RELAÇÃO COM O MAL.....	34
4 DEUS DIRIGE A HISTÓRIA.....	38
4.1 Deus Governa Todas as Coisas.....	43
5 EM BUSCA DE UM ENTENDIMENTO	50
6 CAUSAS DO SOFRIMENTO.....	53
6.1 Nossa própria culpa.....	54
6.2 Calamidades naturais.....	55
6.3 Forças demoníacas.....	57
6.4 Desejos maus	58
7 O PROPÓSITO DIVINO ACERCA DO SOFRIMENTO	60
7.1 Para pôr à prova o caráter	62
7.2 Para ajudar os outros em situações assemelhadas	64
7.3 Para ensinar acerca da obediência.....	65
7.4 Para provar o valor da fé.....	66
7.5 Para conduzir à dependência de Deus	67
7.6 Para a glória de Deus	68
8 CONCLUSÃO, DOIS APÊNDICES E UMA PERGUNTA.....	70
8.1 O maior sofredor que existiu: Jesus.....	71
8.2 O céu como parte da resposta.....	73
8.3 Sua cabana está em chamas?.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

INTRODUÇÃO

Por que tanto sofrimento? Mais importante do que analisar o mal e o sofrimento como um argumento contra a existência de Deus é entender que o mal decorre de um relacionamento rompido com Deus. Mais importante do que uma resposta lógica ao problema teórico do mal e do sofrimento dada por apologistas é o que Philip Yancey aborda sobre sofrimento quando intitula o primeiro capítulo de um dos seus livros com o inquietante título “problema que permanece”¹. Esse tem sido o dilema e a experiência de muitos, inclusive dos santos na história da Igreja, ou seja, a visitação da dor. A dor parece não querer se ausentar da experiência humana. Um problema que não quer ir embora. Ou como disse Paul W. Powell, pensador cristão, “o tormento não é um penetra na arena de nossa vida; ele tem assento reservado nela”². O mal e o sofrimento não se restringem à ambiência teórica do ser humano, mas prática.

O sofrimento tem permeado a mente humana por séculos e afligido a vida de tantos, quer sejam crentes ou incrédulos. Segundo alguns estudiosos, o livro de Jó foi o primeiro escrito bíblico constante do cânon e já nesse livro o sofrimento assume questão central. Contudo, o próprio Jó apresenta premissas incorretas acerca da causa e origem do mal e do sofrimento. A concepção incorreta do sofrimento permeia as páginas do Velho Testamento e se estende até os dias de Jesus, conforme verificado no episódio da cura de um cego de nascença relatado por João em seu Evangelho³. Contudo, como bem disse James Long, “a Palavra de Deus enfrenta a dor honestamente, sem anestesia de palavras doces”⁴.

Por certo, uma compreensão não apropriada sobre a questão do sofrimento põe em risco a compreensão do próprio Deus. Não é certo imaginar que um conhecimento mais afincado acerca do sofrimento atenua a dor ou mesmo a faça desaparecer, mas há uma correlação bíblica de que a compreensão correta acerca do sofrimento em todas as suas nuances no contexto do plano de Deus guarda estreita relação com o conhecimento de Deus.

Sendo assim, quanto mais se conhece acerca de Deus e do seu plano, melhor se compreende o papel do sofrimento. É certo imaginar que à luz do projeto de Deus a tragédia, a dor e todas as dimensões do sofrimento não são obras do acaso. Sofrimento nas palavras do

¹ YANCEY, Philip. *Deus sabe que sofremos*. São Paulo: Vida, 2002. p. 7.

² RHODES, Rom. *Por que coisas ruins acontecem se Deus é bom*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 17.

³ Bíblia Sagrada. Jo 9:1-12

⁴ LONG, James. *Por Que Deus Fica Em Silêncio Quando Mais Precisamos Dele?* Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 136.

jovem David Brainerd pode esconder algo que não se enxerga num primeiro momento, mas que culminará em um propósito pensado por Deus: “Por trás de uma cara carrancuda esconde-se um sorriso da providência de Deus”⁵. Em meio à dor e ao sofrimento parece ser mais fácil enxergar a carranca do mal do que o sorriso de Deus.

Quantas vezes se ouve ou profere-se as palavras: Por que Senhor? Por que justo comigo foi acontecer tudo isso? Por que tenho de sofrer tanto? Por quê? Por quê? E a mente indagadora, por mais que procure, não encontra uma resposta satisfatória. E o mais inquietante é que se deve admitir que nem sempre, neste mundo, serão obtidas as respostas de todos os porquês desta vida.

O sofrimento é tão antigo quanto a raça humana. Há uma constatação na Bíblia: O sofrimento é inevitável. Sofrem ricos e pobres, fracos e poderosos, sábios e ignorantes. Não há nenhuma proteção contra o sofrimento, pois é uma consequência do pecado e o resultado da desobediência a Deus. Contudo, Deus não foi pego de surpresa. O sofrimento faz parte do projeto de Deus para a humanidade antes da fundação do mundo.

Nas páginas das Sagradas Escrituras encontra-se um Deus que age de maneira minuciosa, sem erros, sem remendos, segundo uma diretriz. Há nas teologias sistemáticas um espaço precioso reservado ao estudo dos planos de Deus. Segundo os autores da linha reformada, as nomenclaturas variam desde “planos divinos”, “planos de Deus”, “decretos de Deus”, “providência”.

Os adeptos da teologia arminiana convergem esses conceitos para outra palavra denominada de presciência, isto é, conhecimento antecipado. Esses teólogos asseveram que o conhecimento que Deus tem dos eventos futuros está intimamente relacionado com a iniciativa livre dos homens. Há algo implícito no conceito de presciência que choca os teólogos reformados, pois assim está conceituado o termo:

A presciência de Deus é o seu pré-conhecimento de todas as coisas (I PE 1:2; Rm 8:29). Ela é parte de seu atributo de onisciência. Ele pré-conhece todas as coisas sobre o homem, mas não as evita, por ser o homem livre e responsável por seus atos. No caso do pecado de Adão, o Senhor sabia disso na sua presciência; porém, não o evitou, por ter Adão livre-arbítrio⁶.

Os que preferem o termo presciência e acolhem as implicações teológicas contidas no conceito podem, perfeitamente, ser questionados como o Deus Todo-poderoso, onisciente, conquanto conheça de antemão os atos humanos seja apenas um espectador no desenrolar da

⁵ PIPER, John. *O Sorriso Escondido de Deus*. São Paulo: Shedd, 2005. p.14.

⁶ GILBERTO, Antonio; ANDRADE, Claudionor; SANCHES, Ciro Zibordi; CABRAL, Elienai; RENOVATO, Elinaldo; SOARES, Esequias; COUTO, Geremias; SILVA, Pedro; GABY, Wagner. *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 366.

história. Na tentativa de não enxergar o homem como um robô, antes um ser moral autônomo, os adeptos dessa linha teológica têm dificuldade de aceitar um projeto divino que contenha, inclusive, esses atos autônomos. Ao se referirem ao decreto de Deus, o próprio entendimento da linha pentecostal é paradoxo, pois ao conceituarem tal decreto, assim se referem: “Trata-se do eterno propósito de Deus, segundo o desígnio de sua própria vontade, pelo qual Ele preordenou, para sua glória, tudo que acontece”⁷. No entanto, em seguida afirmam: “Deus decretar é uma coisa; a execução por Ele desse decreto, outra”⁸. No mínimo estranho, pois se Deus decreta como não poderia executar?

Já os simpatizantes da teologia liberal negam a doutrina relativa à providência ou decretos de Deus, pois sua ênfase é fundamentalmente antropológica e não teológica. Teologia liberal (ou liberalismo teológico) foi um movimento teológico cuja produção se deu entre o final do século XVIII e o início do século XX. Relativizando a autoridade da Bíblia, o liberalismo teológico estabeleceu uma mescla da doutrina bíblica com a filosofia e as ciências da religião. O termo "teólogo liberal" atualmente se refere a um autor que não reconhece a autoridade final da Bíblia em termos de fé e doutrina⁹.

Independentemente da simpatia pela corrente teológica no que concerne ao sofrimento, algumas indagações parecem ser comuns: como Deus, a quem a Bíblia revela como sendo infinitamente bom, amoroso e todo-poderoso pode permitir tanto sofrimento entre suas criaturas neste mundo? Deus realmente se importa com as pessoas? Por que Ele permite os horrores da guerra? Por que os inocentes sofrem tanto? Por que a doença causa tanta dor? Por que nascem bebês deformados ou carentes de capacidade mental? Estas e muitas perguntas similares são feitas com frequência não só pelos clérigos, mas também por pessoas comuns simpatizantes ou não de uma religião. Esse problema pode se tornar tão agudo a ponto de afundar a fé de alguns nos penhascos do sofrimento humano. Ou como disse Ruth Tucker: “O problema da dor e do mal é o terreno de todas as batalhas pela crença”¹⁰. Embora os discípulos de Epicuro¹¹ formulem tão bem o problema do mal e do sofrimento,

⁷ GILBERTO, 2008, p. 367

⁸ GILBERTO, 2008, p. 367

⁹ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_liberal

¹⁰ TUCKER, Ruth. *Fé e Descrença: O drama da dúvida na vida de quem crê*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 171.

¹¹ Epicuro (341-270 a.C.) Estabeleceu uma escola na Atenas antiga que se tornou famosa no mundo helênico pelos seus ensinamentos. Epicuro considerava os maiores motivadores do prazer aqueles que se caracterizavam pela justiça, pela honestidade e pela simplicidade, mas enfatizou que todas as pessoas derivassem o máximo prazer de tais ações. Daí o “epicurismo” ter chegado a ser um termo usado em correspondência à libertinagem e luxúria. Epicuro asseverava que a vida presente é tudo quanto uma pessoa terá, visto não existir, segundo ele, nenhum ser sobrenatural para ser temido ou obedecido. A vida que vale a pena é aquela que traz o máximo de prazer ou de felicidade agora. Fazia apenas a distinção entre os desejos

eles são confrontados por outro problema muito mais difícil quando marcham para uma busca desenfreada de “soluções” propostas para o problema do sofrimento, ou seja, as próprias soluções as quais eles mesmos formularam. Senão vejamos:

a) Alguns tentam encontrar a explicação do sofrimento no conceito de um Deus finito. A ideia é que Deus, embora seja bom está incapacitado de fazer a sua vontade completamente. Os que sustentam este ponto de vista pensam que não é a deficiência da criatura, mas a incapacidade do Criador que nos confronta. O conceito de um Deus finito encontra fortíssimas resistências na Bíblia e contradiz conceitos solidificados pelos mais renomados teólogos ao longo da história da igreja.

O rabino Harold Kushner contribuiu muito para popularizar o conceito de um Deus finito com seu livro “Quando Coisas Ruins Acontecem a Pessoas Boas”. Para Kushner a finitude de Deus era percebida na impossibilidade dEle resolver os problemas do homem, apesar de amá-lo.

b) Na busca de uma “solução” para o entendimento relativo ao problema do sofrimento humano, a ideia de que o sofrimento sempre é causado pelo pecado do próprio indivíduo aparece como alternativa. Um forte elemento de verdade nesta visão é que o pecado de fato gera sofrimento.

O renomado teólogo John Stott diz que:

O fato do sofrimento, sem dúvida alguma, se constitui no maior desafio individual à fé cristã em todas as gerações. Sua distribuição e seu grau parecem ser inteiramente ao acaso e, portanto, injustos. Os espíritos sensíveis perguntam se o sofrimento pode, de algum modo, reconciliar-se com a justiça e o amor de Deus¹².

A abordagem exposta neste estudo não se limitará a esmiuçar a doutrina dos planos de Deus ou particularmente a providência, mas, à luz da concepção de que há um projeto pensado na mente de Deus para a humanidade, entender como o mal e o sofrimento se encaixam.

A tarefa não é fácil, pois um dos problemas mais difíceis para os que creem no Deus da Bíblia é entender o sofrimento humano à luz de um projeto pensado de Deus.

naturais e os desnaturais. OBITS, S.R. Epicurismo In ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova. 2009. v.2. p. 24-25.

¹² STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. São Paulo: Vida, 2000. p. 286

1 O PROBLEMA DO MAL

Segundo Nash “o mais sério obstáculo intelectual entre muitas pessoas e a fé religiosa é o problema do mal”¹³. O livro das religiões ao descrever o cristianismo sentencia que “o problema do mal é o motivo principal para negar o cristianismo”¹⁴. Já McGrath acredita que o iluminismo testemunhou uma mudança fundamental na atitude para com a existência do mal no mundo. Seu argumento se baseia nas seguintes palavras:

No período medieval, a existência do mal não era considerada uma ameaça para a coerência do Cristianismo. A contradição implícita na existência simultânea de uma onipotência divina benevolente e do mal não era tida como um obstáculo para a fé, mas apenas um problema teológico acadêmico. Durante o Iluminismo essa situação mudou radicalmente. A existência do mal se transformou num desafio à credibilidade e coerência da própria fé cristã¹⁵.

O problema do sofrimento e do mal tem importância singular nas discussões relativas à apologética cristã. A prova disso é o espaço reservado em todas as Teologias Sistemáticas. A importância do problema do mal não se reserva apenas aos questionamentos de ambiência teológica.

A importância do assunto se estende por pelo menos mais duas razões: o mal é universal; o problema do mal é de natureza prática. É de se concordar com D.M. Lloyd-Jones quando afirma que “o problema é a dificuldade de conciliar o mundo em que vivemos, e principalmente o que está acontecendo nele, com nossa fé em Deus, e, em especial, com certos pontos fundamentais dessa fé”¹⁶. Mas, afinal no que consiste o problema do mal? Por que essa problemática afeta tanto a apologética cristã? Pode-se apresentar o problema do mal a partir da enorme dificuldade de se sustentar concomitantemente as quatro proposições seguintes:

- Deus existe;
- Deus é totalmente bondoso;
- Deus é todo-poderoso;
- O mal existe.

¹³ BECKWITH, J. Francis. CRAIG, William Lane. MORELAND, J.P. *Ensaio Apologético: Um Estudo Para Uma Cosmologia Cristã*. São Paulo: Hagnos, 2004. p. 231.

¹⁴ GAARDER, Justin. HELLERN, Victor. NOTAKER, Henry. *O Livro Das Religiões*. São Paulo: Schwarcz, 2007. p. 164.

¹⁵ MCGRATH, Alister. E. *Teologia Histórica: Uma Introdução à História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 244.

¹⁶ JONES, D.M. Lloyd. *Por Que Deus Permite a Guerra?* São Paulo: PES, 2009. p. 56.

O problema do mal se baseia basicamente na impossibilidade de sustentar as três primeiras afirmativas sem ter que negar ao mesmo tempo a quarta afirmativa. Caso contrário conclui-se que:

- Se Deus existe, deseja todo o bem e é poderoso o suficiente para conseguir tudo o que deseja; então não deveria haver mal.
- Se Deus existe e deseja apenas o bem, mas o mal existe, então Deus não consegue tudo o que deseja. Portanto ele não é Todo-poderoso.
- Se Deus existe e é Todo-poderoso, se o mal também existe; então, Deus deseja que o mal exista. Portanto, ele não é totalmente bondoso.
- Finalmente, se Deus significa um Ser que ao mesmo tempo é totalmente bondoso e Todo-poderoso, e ainda assim o mal existe; então Deus não existe.

Eis como está posto o problema do mal. Conforme descrito por Rom Rhodes ao citar o filósofo Epicuro, o problema também pode ser posto e sumarizado da seguinte forma:

De duas uma, ou Deus quer abolir o mal, e não pode; ou Ele pode, mas não quer fazê-lo; ou Ele não pode ou Ele não quer. Se Ele quer, mas não pode, Ele é impotente. Se Ele pode e não quer, logo Ele é perverso. No entanto, se Deus quer e pode abolir o mal, então como o mal ocorre no mundo?¹⁷

A relevância do problema do mal para a teologia é vasta e não se restringe ao Iluminismo como assevera MacGrath, mas nesta abordagem, a despeito do problema do mal se constituir em forte e usual argumento dos cétricos contra Deus, a intenção desta pesquisa é enxergar à luz da providência de Deus o mal como ferramenta indispensável para consecução do desígnio eterno. Além do problema do mal se caracterizar como arma em favor do ateísmo, se constitui ainda em forte resistência à fé nos círculos cristãos¹⁸.

Numa amostragem de âmbito nacional, Lee Strobel relata em um de seus livros o resultado de uma pesquisa que consistia na seguinte pergunta “Se pudesse fazer a Deus apenas uma pergunta e soubesse que lhe daria a resposta, o que você perguntaria?” A essa pergunta a maioria absoluta respondeu: “Por que existem dor e sofrimento no mundo?”¹⁹ Por

¹⁷ RHODES, 2007, p. 18.

¹⁸ ATEÍSMO é o sistema de crenças cuja afirmação categórica é a inexistência de Deus. O ateísmo também afirma, em geral, que a única forma de existência é o universo material, sendo ainda mero produto do acaso ou do destino. GRENZ, Stanley J. GURETZKI, David. NORDLING, Cherith FEE. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 1999. p. 17.

¹⁹ STROBEL, Lee. *Em Defesa da fé*. São Paulo: Vida, 2002. p. 36.

certo essa tem sido uma pergunta que tem angustiado e afligido não somente aos céticos, mas as pessoas comuns.

No entanto, a realidade do sofrimento e do mal neste mundo enseja três argumentos que são comumente usados contra a existência de Deus. O primeiro é que qualquer ato maligno seria uma prova contra a existência de um Deus totalmente bondoso. O segundo é que a quantidade excessiva de sofrimento é prova da impotência de Deus em contê-lo. E a terceira é que tanto justos como injustos sofrem, razão pela qual não há diferença do mal ocorrer a pessoas boas e ruins²⁰. Fazendo este tipo de ilação a partir da problemática posta por Epicuro, os que fazem coro com o filósofo têm conseguido confundir muitos cristãos professos. O fato é que não são poucos os que estão perturbados pela existência do mal e do sofrimento, ou pela quantidade de mal neste mundo.

Alguns teístas²¹ conseguem fornecer respostas que apesar de plausíveis não são totalmente convincentes. Enquanto muitos outros simplesmente chamam a existência do mal de um mistério. A proposta deste estudo, na forma como segue, é apresentar nuances da existência do sofrimento no mundo não como uma apologia em defesa de Deus ou a qualquer aspecto do cristianismo. Na verdade o que se pretende demonstrar nesta dissertação é que o mal e o sofrimento fazem parte do propósito de Deus para a humanidade. Por incrível que pareça são exatamente as concepções alheias ao teísmo clássico relativas ao sofrimento que não podem fazer sentido diante da inequívoca constatação da existência do mal neste mundo à luz da Palavra de Deus.

Um segundo motivo por que o problema do mal é de relevância deve-se ao fato de todos se perguntarem por que coisas ruins acontecem com pessoas boas ou ainda, por que coisas ruins acontecem de qualquer maneira. O problema do mal é universal. Pessoas, céticas ou não, ao longo das eras têm agonizado com a questão do sofrimento. O assunto se constituiu em uma das mais fortes e comuns objeções à fé cristã e, por conseguinte mais explorada.

Mas o mal e o sofrimento não estão restritos a uma ambiência teórica e macro, antes envolvem o indivíduo em sua própria e peculiar dor. Muitas pessoas carregam inquietações terríveis com a existência do mal e do sofrimento, não porque o mesmo possua qualquer desafio lógico ao cristianismo, mas porque, nas palavras de Eduardo Rosa Pedreira no que se

²⁰ KREEFT, Peter. TACELLI, Ronald. *Manual de Defesa da Fé: Apologética Cristã*. Rio de Janeiro: Geográfica, 2008. p. 186.

²¹ TEÍSMO é o sistema de crenças que pressupõe a realidade de Deus como conceito fundamental na composição de todas as outras crenças. Qualquer visão de mundo baseada na crença de que existe um Deus. GRENZ, 1999. p. 126.

refere ao sofrimento humano “os filósofos tentam explicar e os teólogos sistematizar”²². Provavelmente Eduardo use as palavras “tentar explicar” e “sistematizar” para por em evidência a difícil tarefa de trazer respostas à questão do sofrimento no contexto da providência de Deus. “Deus é responsável pelas coisas que acontecem no mundo? Se Ele o é, como pode ser um Deus de amor? Se Ele não o é, como pode ser um Deus Poderoso?”²³. Dessas indagações surgem outras reflexões sobre a relação entre ação divina de Deus com a liberdade humana.

A partir de uma abordagem que perpassa conceitos avocados pela teologia, pretende-se apresentar uma maneira bíblica de encarar o problema do sofrimento de modo a contribuir para uma resposta que não seja apenas a de sistematizar o problema, mas de contextualizá-lo no plano de Deus, pois nas palavras do mesmo Eduardo Rosa Pereira “o sofrimento é talvez a maior e mais dolorosa interrogação da humanidade”²⁴. Em artigo intitulado “Um Deus de amor às vezes permite que você sofra” Philip Yancey faz eco ao dizer que “a dor põe em questão nossas crenças mais básicas em Deus”²⁵.

²² PEREIRA, Eduardo Rosa. *Fé e sofrimento. A espiritualidade que nasce da dor*. Rio de Janeiro: Vinde, 1997. p. 45.

²³ BRUNNER, Emil. *Dogmática: Doutrina cristã da criação e redenção*. São Paulo: Fonte editorial, 2006. v. 2. p. 206.

²⁴ PEREIRA, 1997, p.13.

²⁵ BECKER, Verne. STAFFORD, Tim. YANCEY, Philip. *O Que Não Me Disseram Quando Me Converti*. Rio de Janeiro: Juerp, 1995. p. 96.

2 A DIFÍCIL TAREFA DE COMPREENDER O MAL E O SOFRIMENTO: Um Sumário de Três Concepções Teológicas e de Diferentes Cosmovisões Sobre o Tema

O sofrimento é uma realidade tão presente entre pessoas boas e ruins que foi preciso cunhar uma expressão chamada Teodiceia, a qual analisa e justifica a aparente discrepância entre bondade de Deus e a maldade presente na existência humana. Segundo define Champlin, a palavra Teodiceia vem do grego *theos* (Deus) + *dike* (justiça). No uso comum a palavra designa a controvérsia sobre como podemos reconciliar a existência do mal com a bondade e a onipotência de Deus. Leibniz é citado pelo mesmo Champlin como aquele que usou o termo pela primeira vez em 1710. Assim, a Teodiceia é a “Teoria para justificar a bondade de Deus em vista da existência de maldade no mundo”. Na Teodiceia examinamos e exploramos argumentos que justificam a conduta de Deus no mundo²⁶.

Difícilmente alguém não tem ouvido expressões como “Deus está no comando” ou “Deus sabe o que está fazendo” quando algo ruim acontece. Não faltam textos bíblicos para corroborarem e apoiarem essa convicção. Onde está Deus no dia da calamidade? Onde está Deus quando a tragédia chega sem aviso prévio?

Independentemente das causas do sofrimento são várias as tentativas de enxergá-las a partir de cosmovisões distintas. Claro que, dependendo da cosmovisão, as causas do sofrimento sofrerão restrições. Assim, é absolutamente imprescindível que toda cosmovisão tenha que lidar com a questão do mal, contudo o problema é especialmente relevante para o teísmo, pois como já salientado, o problema do mal é um sério desafio à defesa do cristianismo. Talvez porque o problema do mal seja mais frequentemente usado para desafiar o cristianismo, muitas pessoas esquecem de considerar se as religiões não-cristãs têm, adequada e coerentemente, respondido à existência de mal. Quais são as respostas ao problema do sofrimento? À medida que avançamos na busca de um entendimento para o problema do mal e do sofrimento humano, nos surpreendemos com a abundância de respostas propostas por algumas linhas do pensamento religioso e da filosofia. Num trabalho dessa natureza não poderíamos deixar de fazer menção e ressaltar algumas respostas à questão do sofrimento a partir de cosmovisões religiosas distintas. O entendimento ou busca de uma compreensão racional ou mesmo espiritual que possibilite uma melhor aceitação do sofrimento está intimamente relacionado com a nossa cosmovisão. Bem disse Ronald Nash:

²⁶ CHAMPLIN, R.N. *O Antigo Testamento Interpretado Versículo Por Versículo*. São Paulo: Candeia. 2001. v.7, p. 5067.

Quer saibamos, quer não, quer gostemos, quer não, cada um de nós possui uma cosmovisão. Essas cosmovisões funcionam como esquemas conceituais interpretativos para explicar por que enxergamos o mundo da maneira como enxergamos e por que, em geral, temos determinada maneira de pensar e agir. Com frequência, há conflitos entre cosmovisões concorrentes. Tais confrontos podem ser tão inofensivos quanto uma simples discussão entre pessoas ou tão sérios como uma guerra entre duas nações²⁷.

Para responder a estas perguntas no âmbito da Teologia não faltam tentativas. Por mais diversificadas que se apresentem no ambiente teológico este estudo se deterá no âmbito do teísmo convencional a três correntes.

2.1 Sumário de Três Concepções Teológicas

Pode-se resumir estas três correntes em: i) os que atribuem todas as fatalidades ao absoluto controle e determinação de Deus. ii) Uma segunda tentativa de responder as indagações referentes ao mal e o sofrimento diz respeito à corrente teológica que talvez, para justificar a Deus ou o isentar do mal e do sofrimento, atribui a vontade volitiva do homem às causas do mal e do sofrimento. iii) Há ainda uma terceira concepção teológica que estuda e aborda o mal e o sofrimento e que simplesmente para explicar o mal e o sofrimento rebaixa Deus à condição de limitado, isto é, Deus não é Todo-poderoso, portanto não pode impedir o mal e o sofrimento. A seguir, observa-se de maneira mais detalhada cada uma.

2.1.1 Primeira Concepção: Deus Determina e Controla Todas as Fatalidades

A primeira concepção remonta a Agostinho um dos pais da igreja. Agostinho em meados do século V com mais precisão que seus antecessores enfatizou a doutrina da providência, especialmente contra as ideias de destino e acaso, ressaltando que todas as coisas são preservadas e governadas pela soberana vontade de Deus. Ele também afirmou a soberania de Deus sobre o bem e o mal existente no mundo e salvaguardou a santidade de

²⁷ BECKWITH, J. Francis. CRAIG, William Lane. MORELAND, J.P. *Ensaio Apologético: Um Estudo Para Uma Cosmovisão Cristã*. São Paulo: Hagnos, 2004. p. 541,542.

Deus e a responsabilidade do homem. Citado por Franklin Ferreira esses conceitos estão assim expostos por Agostinho quando ele diz:

Também governa tudo quanto criou, de tal maneira que cada uma de suas criaturas é dado provocar e dirigir os seus próprios movimentos. E, ainda que nada possam sem ele, com ele não se confundem. Aquele que é providente e onipotentemente distribui a cada um o que a cada um convém, sabe muito bem utilizar-se dos bons e dos maus²⁸.

Essa visão teológica do controle de Deus em todos e em tudo desenhada por Agostinho em linhas gerais é seguida por teólogos durante toda a idade média. Mas foi João Calvino que sistematizou essa abordagem no século XVI. *As Institutas* escritas por Calvino consistem em um manual de instrução cristã, ou, como diria o próprio Calvino, um resumo, uma “suma”, do ensino doutrinário próprio para a formação de um cristão. No volume III a doutrina da providência de Deus recebe um capítulo à parte e o título que recebe sua análise é: “A Predestinação e a Providência de Deus”.²⁹ Sobre a providência de Deus o que Calvino mesmo diz em seu sumário parcial é:

Em resumo, a opinião comum é que o mundo, as coisas humanas, os próprios homens, são governados pelo poder de Deus. Não porém, por uma providência deliberada, querendo dizer com isso que eles determinam tudo o que há de fazer. Passo por alto os epicureus (praga da qual o mundo sempre esteve cheio), os quais imaginam um Deus ocioso, que não se envolve com nada. Semelhantemente outros, que não estão menos fora de si. Atribuem a Deus a função de governar as coisas que estão acima dos ares, abandonando o resto à sua própria sorte. Passo por alto porque as próprias criaturas condenam em alto e bom som essa virulência³⁰.

Esta abordagem está capitulada em algumas Teologias Sistemáticas como Providência ou no contexto dos decretos de Deus. O termo decreto “indica o plano pelo qual Deus procedeu em todos os seus atos de criação e continuação. Deus tem um plano e isso não é apenas uma dedução justificada da razão”³¹. Já o termo providência nas palavras de um renomado expositor Bíblico “vem de duas palavras em latim – *pro e vídeo* – que juntas, significam ver adiante, ver de antemão”³². À luz desse conceito Deus não apenas sabe o que se encontra à nossa frente, como também planeja o que há de acontecer no futuro e executa seu plano com a mais alta perfeição.

O capítulo cinco do Catecismo Maior de Westminster refere-se à providência de Deus e traz uma resposta a pergunta: “o que são as obras da providência de Deus”? Essa resposta tem sido abraçada e seguida por todas as denominações de linha reformada: “As

²⁸ FERREIRA, Franklin. Myatt, Alan. *Teologia Sistemática. Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 302.

²⁹ CALVINO, João. *As Institutas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. III, p. 37-90.

³⁰ CALVINO, 2006. v. III, p. 72, 73.

³¹ CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2008. v. 1 e 2, p. 248.

³² WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo*. Santo André: Geográfica, 2006. v. II, p. 522.

obras da providência de Deus são os seus mui santos, sábios e poderosos governo e preservação de todas as suas criaturas, ordenando-as, e a todas as suas ações, para sua própria glória”³³.

Fazendo eco com essa declaração de fé o renomado Ph.D James I. Packer teólogo e professor afirma que: “A providência é um exercício contínuo de Deus pelo qual ele de acordo com sua própria vontade, (a) mantém todas as criaturas como seres, (b) envolve-se em todos os eventos, e (c) dirige todas as coisas a seu fim determinado”.³⁴ Deus tem o comando completo deste mundo, do visível e do invisível. Sua vontade pode estar escondida, mas seu governo é absoluto. O mal faz parte da vontade de Deus e é necessário para um bem maior, ainda que não possamos compreender.

Já nas palavras de Henry Clarence Thiessen

Os acontecimentos no universo não são nenhuma surpresa nem um desapontamento para Deus, nem tão pouco resultado de capricho ou vontade arbitrária de sua parte, mas sim a execução de um propósito e plano definidos dEle, é o que nos ensinam as Escrituras³⁵.

O mesmo Thiessen afirma que “os Decretos são o eterno propósito de Deus. Ele não faz ou altera seus planos à medida que a história humana vai se desenvolvendo; Ele fez esses planos na eternidade e eles permanecem inalterados”³⁶. Há apenas um decreto, que envolve tudo, embora no desenrolar dos acontecimentos haja sequência constante. Nas palavras do mesmo Thiessen a execução desse decreto de Deus por meio de sua providência é explicado assim: “As coisas decretadas vêm a acontecer com o tempo, e em série sucessiva; mas constituem um grande sistema que, como um todo e uma unidade, foi compreendido em um eterno propósito de Deus”³⁷.

Desde toda a eternidade, Deus mesmo decretou todas as coisas que iriam acontecer no tempo e isto Ele fez segundo o conselho da sua própria vontade, muito sábia e muito santa. Fez, porém, de um modo que Deus em nenhum sentido é o autor do pecado, nem se torna corresponsável pelo pecado, nem violenta à vontade de suas criaturas, nem tampouco impede a livre ação das causas secundárias ou contingentes. Pelo contrário, estas causas secundárias são confirmadas. Em tudo isso aparece a sabedoria de Deus em dispor de todas as coisas, e o seu poder e fidelidade em fazer cumprir seu decreto. Segundo esse entendimento tudo que Deus decretou e executa tem como fim último a sua glória.

³³ VOS, Johannes Geerhardus. *Catecismo Maior de Westminster*. São Paulo: Os Puritanos, 2002. p. 77.

³⁴ PACKER, James I. *Teologia Concisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 55.

³⁵ THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. São Paulo: Imprensa Regular do Brasil, 2006. p. 97.

³⁶ THIESSEN, 2006, p. 96.

³⁷ THIESSEN, 2006, p. 97.

No entanto, Paul Tillich se reporta a Platão e apresenta o termo *pronoiá* “providência” no contexto de uma filosofia que superou a escuridão da fatalidade entre o humano e o divino por meio da ideia do bem como poder último do ser e do conhecimento³⁸.

Tillich problematiza ao estender o conceito de providência:

Providência significa prever (*providere*) que é um preordenar (providenciar). Esta ambiguidade de sentido de providência denota um sentimento ambíguo com relação à providência e corresponde às diferentes interpretações do conceito. Se enfatizarmos o elemento de previsão, Deus se torna um espectador onisciente que sabe o que vai acontecer, mas não interfere na liberdade de suas criaturas. Se enfatizarmos o elemento de preordenação, Deus se torna um planejador que, “antes da criação do mundo”, ordenou tudo o que vai acontecer. Todos os processos naturais e históricos não são nada mais que a execução deste plano divino supratemporal³⁹.

A problematização a partir desse conceito pode ser assim resumida pelo próprio Tillich: “Na primeira interpretação, as criaturas constroem seu mundo, e Deus se limita a ser um espectador; na segunda interpretação, as criaturas são peças de uma grande engrenagem universal, e Deus é o único agente ativo”⁴⁰. Faz-se coro com o mesmo Tillich em rejeitar essas duas interpretações da providência. “Deus nunca é um espectador, ele sempre dirige tudo à plenitude” ao tempo em que há uma convergência e interatividade entre a atividade de Deus e a liberdade do ser humano. Nessa mesma convergência de ideia um dos mais renomados teólogos americano R.C. Sproul chega a dizer que

se há uma molécula no universo vagando livre da soberania de Deus, então não há nenhuma garantia de que qualquer das promessas de Deus venha jamais a se concretizar. Aquela única molécula pode ser exatamente o fator que desfaz o plano eterno de Deus. Se Deus não é soberano, então Deus não é Deus. Um Deus não soberano não é Deus nenhum⁴¹.

No entanto, o mesmo Sproul afirma que “na realidade os homens têm livre arbítrio, mas nosso livre arbítrio é limitado”. Sua argumentação é que “o livre arbítrio de Deus é soberano. Nosso livre arbítrio é subordinado”⁴².

As implicações dessas afirmações encontram resistências em algumas correntes críticas teológicas. A primeira e a mais explorada é a que, segundo afirmam alguns, a doutrina relativa à providência de Deus não é coerente com a liberdade humana. Asseveram ainda que a concepção de Decreto contendo todos os atos do ser humano torna Deus autor do pecado e

³⁸ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 269.

³⁹ TILLICH, 2005, p. 271.

⁴⁰ TILLICH, 2005, p. 271.

⁴¹ SPROUL, R.C. *Surpreendido Pelo Sofrimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998. p. 186.

⁴² SPROUL, 1998, p.186.

que a doutrina é equivalente ao fatalismo⁴³. Contudo, conforme disse Hermann Bavinck não é uma causalidade cega, nem um destino obscuro, nem uma vontade irracional ou maligna, nem qualquer força natural que governa a raça humana e o mundo, mas “o governo de todas as coisas está nas mãos do Todo-poderoso”⁴⁴.

2.1.2 Segunda Concepção: O mal e sofrimento são produzidos pela pessoa humana

A defesa do livre-arbítrio tem sido um dos mais recorrentes conceitos utilizados para dar sustentação à resistência ao conceito de providência e ao mesmo tempo se constitui em uma tentativa de explicar o mal e o sofrimento no mundo. Esta linha teológica sustentada por vários cristãos declara que, quando Deus criou o homem o dotou da capacidade de tomar decisões independentes, até mesmo se rebelar contra o seu Criador. Nas palavras de Geisler o argumento se resume em:

Deus é bom e criou criaturas boas com uma qualidade boa chamada livre-arbítrio. Infelizmente, elas usaram esse poder bom para fazer o mal ao universo e se rebelar contra o criador. Então, o mal surgiu, não direta, mas indiretamente, pelo mau uso do poder bom chamado liberdade. A liberdade em si não é má. É bom ser livre. Mas com a liberdade vem a possibilidade do mal. Então Deus é responsável por tornar o mal possível, mas as criaturas livres são responsáveis por torná-la real⁴⁵.

Certamente Deus estava ciente de que o homem pecaria, mas este foi o preço de conceder ao homem o livre-arbítrio. Embora muitos cristãos professos usem a defesa do livre-arbítrio como solução racional para responder ao problema do mal, as indagações continuam ecoando, pois esta abordagem somente posterga o tratamento do problema, visto que transforma o debate do porquê do mal existir no universo de Deus para por que Deus criou o homem com o potencial para a prática do mal. Todos os simpatizantes da doutrina do livre-arbítrio afirmam que Deus é onisciente, logo Deus sabia, com certeza, que os homens se tornariam maus. Marcos Inhauser expressa bem isso quando diz: “nem mesmo no paraíso houve a possibilidade de viver sem decidir. O paraíso não era a ausência da necessidade de

⁴³ Fatalidade. A fatalidade, personificada pelos gregos com o nome de *Moirá*, significa no mundo antigo o poder invisível que rege o destino humano. No pensamento clássico, bem como na religião oriental a fatalidade era considerada o poder sombrio e sinistro que se relaciona com a visão trágica da vida, por isso sendo cega, inescrutável e inevitável. BLOESCH, D.G. In ELWELL, Walter A. 2009. v. 2, p. 152.

⁴⁴ BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática*. Santa Barbara do Oeste/SP: Socep, 2001. p. 177.

⁴⁵ GRENZ, Stanley J. GURETZKI, David. NORDLING, Cherith FEE. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 1999. p. 534.

decisão, mas a consciência da sua realidade”⁴⁶. Charles C. Ryrie apresenta um argumento interessante para minimizar o que parece contradizer o conceito de soberania de Deus e a liberdade ou responsabilidade que o homem possui. Assim argumenta Ryrie:

Soberania e liberdade formam uma antinomia, isto é, uma contradição entre dois princípios aparentemente válidos ou entre inferências corretamente deduzidas desses princípios. Contudo, as antinomias na Bíblia são apenas contradições aparentes, não definitivas. É possível aceitar as verdades de uma antinomia e viver com elas, aceitando pela fé o que não somos capazes de entender. Ou, então, podemos harmonizar as contradições aparentes em uma antinomia, mas isso acabará levando-nos a enfatizar demais uma verdade e a negligenciar ou até negar a outra. A soberania não deve anular o livre-arbítrio, e o livre-arbítrio não deve anular a soberania⁴⁷.

Para os que enxergam no livre-arbítrio uma solução perto do racional para o problema do sofrimento, outra concepção emerge e aumenta o dilema, pois seja diretamente ou indiretamente, há uma forte convergência para a afirmação de que Deus, no mínimo, possibilitou o mal, sendo assim, sua causa primeira.

2.1.3 Terceira Concepção: Teologia do Processo

A teologia do processo⁴⁸ constitui-se numa abordagem teológica que também tenta explicar no âmbito do cristianismo a questão do mal e do sofrimento no mundo. Os adeptos dessa corrente simplesmente acreditam que Deus não é todo-poderoso e, por conseguinte, não pode impedir todo mal. A teologia do processo aceita a concepção de um Deus pessoal, mas afirma que ele existe no tempo, como as demais criaturas. O mais chocante para alguns é que segundo essa teologia Deus é limitado e finito, não tendo conhecimento do futuro. Nas palavras de Franklin Ferreira sobre a concepção de Deus segundo a teologia do processo:

esta divindade finita não predestina o futuro, mas é limitada pelas ações de criaturas livres. Além disso, ele é limitado pelos eventos da história. É um Deus de amor, embora nem sempre possa proteger suas criaturas do mal. Deus desse modo, não tem poder de decretar e ordenar os eventos do futuro. O poder de Deus consiste no poder de persuadir⁴⁹.

⁴⁶ INHAUSER, Marcos. *Opção Pela Vida*. Campinas-SP: United Press, 2000. p. 21.

⁴⁷ RYRIE, Charles C. *Teologia Básica ao Alcance de Todos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003. p. 50.

⁴⁸ TEOLOGIA DO PROCESSO nasceu no século xx baseada na filosofia de Alfred North Whitehead, que apresenta um Deus bipolar integralmente envolvido no processo interminável do mundo por meio de duas naturezas: a natureza primordial e transcendente, na qual reside a perfeição eterna do caráter de Deus, e a natureza consequente e imanente de Deus, pela qual Deus é parte do processo cósmico em constante mutação. GRENZ, 1999, p. 129.

⁴⁹ FERREIRA, Franklin, 2007, p. 301

Para espanto de muitos, a teologia do processo segundo MacGrath “é um dos movimentos teológicos mais expressivos que se desenvolveram na América do Norte durante o século 20”⁵⁰. O mesmo MacGrath sumariza o entendimento da teologia do processo relativa à questão do mal nas seguintes palavras:

O pensamento de processo redefine, assim, a onipotência de Deus em termos de persuasão ou influência dentro de um processo mundial geral. Trata-se de uma desenvolvimento importante, uma vez que explica a atração dessa forma de entender a relação de Deus com o mundo com respeito ao problema do mal. Enquanto a defesa tradicional do livre-arbítrio como explicação para o mal moral argumenta que os seres humanos têm liberdade de desobedecer a Deus ou ignorá-lo, a teologia de processo argumenta que os componentes individuais do mundo têm, semelhantemente, liberdade de ignorar as tentativas divinas de influenciá-los ou persuadi-los. Tais elementos não são obrigados a obedecer a Deus. Assim, Deus é absolvido da responsabilidade pelo mal moral e natural⁵¹.

Seja qual for a concepção teológica mais simpática um entendimento bíblico, ainda que rasteiro, leva-nos ao menos considerar, pelo ensino das Escrituras, que o sofrimento humano de qualquer natureza não está alheio a Deus. Os acontecimentos no universo não são uma surpresa, um desapontamento, nem tampouco o resultado de capricho ou vontade arbitrária da parte do homem, mas fazem parte de um projeto pensado na eternidade, o plano minucioso para o mundo visível e invisível, incluindo cada indivíduo, cuja execução e propósito são imutáveis?

A suma teológica da linha reformada relativa à doutrina da providência expressa e condensa a verdade de um plano pensado na eternidade e pode assim ser identificada:

- Embora Deus saiba tudo quanto pode ou poderá acontecer, em todas as condições possíveis, Ele nada decretou por causa do seu conhecimento prévio do futuro ou daquilo que viria a acontecer em determinada situação.
- Deus, o bom criador de todas as coisas, em seu poder e sabedoria infinitos mantém, dirige, dispõe e governa todas as criaturas e coisas, desde as maiores até às mínimas, pela sua muito sábia e muito santa providência, para que cumpram com a finalidade para a qual foram criadas. Isso é feito de acordo com a infalível soberania de Deus e o conselho livre e imutável da sua própria vontade, de modo que tudo que aconteça contribua para o louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade infinita e misericórdia.
- Deus faz uso de meios para cumprimento do seu decreto, mas Ele é livre para operar sem, acima desses, e contra os meios ordinários, segundo bem entenda.

⁵⁰ MCGRATH, 2007, p. 341.

⁵¹ MCGRATH, 2007, p. 342.

- A onipotência, a sabedoria inescrutável e a infinita bondade de Deus se manifestam no seu decreto e em sua providência, de um modo tão abrangente, que o seu conselho determinado se estende até mesmo à queda no pecado e a todos os outros atos pecaminosos, sejam de homens ou de anjos. Isto envolve mais do que uma mera permissão, porque Deus, muito sábia e muito poderosamente, limita, regula e governa os atos pecaminosos, em uma disposição multiforme, atendendo aos seus santos desígnios.
- A pecaminosidade dos atos procede das criaturas, e não de Deus, que, sendo muito santo e muito justo, não é e nem pode ser o autor do pecado; e nem tampouco pode aprová-lo.

Calvino refutando qualquer argumento contra o conceito de providência sumariza seu entendimento dizendo:

Mas nós declaramos Deus o soberano Senhor e Governador de todas as coisas, e dizemos que desde o princípio, segundo a sua sabedoria, ele determinou o que haveria de fazer e então haveria de executar, segundo o seu poder, tudo quanto havia deliberado. Concluímos, pois, que não somente o céu, a terra e todas as criaturas destituídas de razão, são governadas por sua providência, mas também os conselhos e os desejos dos homens, e que os governa de modo tal que os conduz ao propósito determinado por ele⁵².

O mesmo Calvino entende que nada, absolutamente nada, pode acontecer sem ter sido decretado por Deus e executado por meio de sua providência. “Sorte e acaso são palavras pagãs, cujo significado não deve entrar num coração fiel. Porque se toda prosperidade é bênção de Deus, e toda adversidade é sua maldição, não resta nenhum lugar à sorte em tudo quando sobrevenha aos homens”⁵³.

Essas concepções sumarizam grande parte do entendimento teológico acerca da problemática relativa ao sofrimento, contudo não limita as discussões, pois há outras cosmovisões religiosas que tentam lançar luz para um entendimento mínimo do porquê do sofrimento.

2.2 Diferentes Cosmovisões para o Problema do Sofrimento Humano

Em termos simplistas, uma cosmovisão é um conjunto de crenças envolvendo os variados assuntos da vida. No caso específico desta análise, iremos nos valer do ponto de vista

⁵² CALVINO, 2006, v.III, p. 74

⁵³ CALVINO, 2006, v.III, p. 74

de algumas dessas cosmovisões religiosas relativas ao sofrimento. Claro, que pela especificidade deste trabalho não será possível fazer um arrazoado de todas as cosmovisões que abordam o problema do sofrimento, mas acredita-se que as que se seguem contemplem a maioria do entendimento sobre o assunto.

2.2.1 Deísmo

O deísmo surge como um reflexo do iluminismo no campo religioso. Em síntese, segundo essa concepção do século XVIII, Deus abandonou a sua criação a sua própria sorte para servir de campo de treinamento para o caráter humano. Aos que sofrem pouco ou nenhum consolo encontrarão nos braços dos deístas, pois negam qualquer possibilidade de imanência de Deus, bem como a “Trindade, a encarnação de Jesus, a autoridade divina da Bíblia, a expiação, os milagres, qualquer povo especificamente eleito como Israel, e qualquer ato redentor sobrenatural na história”⁵⁴.

Portanto, deísmo é a crença num Deus que fez o mundo⁵⁵, mas nunca interrompe as operações deste com eventos sobrenaturais. Segundo essa concepção, Deus não interfere na sua criação. Pelo contrário criou-a para ser independente dele mediante leis naturais imutáveis⁵⁶. O deísmo clássico tenta afastar Deus do mal ao enfatizar que Deus não é imanente no mundo. Representa aqueles que acreditam num ser superior que tem pouco ou nada que ver com nossas vidas. Neste caso, o deísmo nos deixa a sós neste mundo.

Os deístas acreditam em Deus, mas frequentemente se encontram insatisfeitos com as religiões e apresentam geralmente estas características que os diferenciam:

- Creem em Deus, mas não praticam nenhuma religião em particular;

⁵⁴ MACDONALD, M. H. Deísmo *In* ELWELL, 2009, v.2, p. 403.

⁵⁵ GEISLER, Norman. *Enciclopédia de Apologética. Respostas aos críticos da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001. p. 245. Deísmo. Comumente se entende por deísmo uma postura filosófico-religiosa que admite a existência de um Deus criador, mas rejeita a ideia de revelação divina. É uma concepção que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada. O deísmo pretende enfrentar a questão da existência de Deus através da razão, em lugar dos elementos comuns das religiões teístas como a revelação de Deus por meio das Escrituras, a fé ou a tradição. Para eles, Deus se revela através da ciência e as leis da natureza. O deísta não rejeita de todo a possibilidade de alguém receber uma revelação direta de Deus, mas essa revelação não será válida para outra pessoa. Se alguém lhe diz que Deus se revelou, para ele será uma revelação secundária e ninguém é obrigado a segui-la, pois isso implicaria na possibilidade de estar aberto às diferentes religiões como manifestações diversas de uma mesma realidade divina. MACDONALD, M. H. Deísmo *In* ELWELL, 2009, v.2, p. 403.

⁵⁶ GEISLER, Norman, 2001, p. 245.

- Rejeitam a Bíblia, no entanto, creem que a palavra de Deus é o Universo e a natureza, mas não os livros "sagrados" escritos por homens;
- Balizam-se na razão para idealizarem Deus e não aceitar nenhuma forma de doutrinação;
- Acreditam que os ideais religiosos devem tentar reconciliar e não contradizer a ciência;
- Creem que se pode encontrar Deus mais facilmente fora do que dentro de uma igreja;
- Desfrutam da liberdade de procurar uma espiritualidade que os satisfaça;
- Preferem guiar suas opções éticas pela consciência e reflexão racional a aceitar as opções dadas pelos livros "sagrados" ou autoridades religiosas;
- Consideram-se pensadores individuais, cujas crenças religiosas não se formaram por tradição ou autoridade de outros;
- Acreditam e proclamam que religião e Estado devem estar separados.

Philip Yancey lembra aos deístas que “o mundo em que vivemos não é um mundo ou uma coisa ou outra. As ações que tomo não são exclusivamente naturais ou sobrenaturais. São ambas as coisas, funcionando ao mesmo tempo”⁵⁷. Deus está vivo e se interessa por nós.

2.2.2 Hedonismo

Do grego *hēdonē* que significa prazer, o hedonismo consiste em todas aquelas teorias éticas que identificam o alvo moral como felicidade, o prazer”⁵⁸. O hedonismo afirma ser o prazer o supremo bem da vida humana. Os simpatizantes do hedonismo procuram fundamentar-se numa concepção mais ampla de prazer entendida como felicidade para o maior número de pessoas entendendo que é a tendência moral que defende a maximização do prazer e a minimização do sofrimento na existência humana. A ideia básica que está por trás do hedonismo formatada pelos epicureus é que todas as ações podem ser medidas em relação ao prazer e a dor que produzem.

No formato epicureu o hedonismo é a filosofia mais popular do mundo hoje. Os hedonistas modernos pensam que a felicidade é o fim último da vida. Propagam que o homem

⁵⁷ YANCEY, Philip. STAFFORD, Tim. *Desventuras da Vida Cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p.19.

⁵⁸ WHITE, R.E.O. Hedonismo *In* ELWELL, 2009, v. 2, p. 240.

foi criado para ser feliz e nada deve se interpor no caminho dessa felicidade. Muitos cristãos entram em crise quando pensam num cristão passando por sofrimento. Muitos perguntam: por que um cristão sofre? Está em pecado? Deus o está castigando? Ele não tem fé? É por que desconhece seus direitos junto a Deus? Dificilmente alguém, enfrentando os piores dias de sua vida, encontraria no hedonismo alívio para sua dor, “por reduzir a moralidade ao sentimento, omitindo seus aspectos racionais, éticos e sociais; por não fornecer critério algum para distinguir os prazeres superiores e inferiores; dignos ou indignos, animais e espirituais ou de uma pessoa e os de outra”.⁵⁹ Além disso, sendo que o prazer é altamente individualista, como alguém que está sofrendo pode encontrar alívio em uma concepção que ridiculariza a dor? “O hedonismo não tem lugar algum para o auto-sacrifício, para a abnegação ou para o dever. Quando a obrigação é absolvida no desejo, a moralidade desce à experiência, à procura daquilo que é mais confortável”.⁶⁰ Se a busca do prazer é constante então há sempre uma insatisfação, uma procura de novos prazeres e um certo desencanto perante os velhos prazeres. O hedonismo conduz-nos a um estado de egoísmo em que podemos sacrificar o outro se esse sacrifício implicar um novo prazer.

2.2.3 Estoicismo

Estoicismo deriva de uma seita de filósofos, alguns dos quais disputavam com o apóstolo Paulo em Atenas, conforme narrativa bíblica de Atos 17:18. A seita teve como fundador certo Zenom. A sua doutrina foi essencialmente panteísta. “O bem supremo é a virtude”⁶¹. Segundo o estoicismo, o sofrimento decorre das reações despertadas no ser humano por quatro classes de emoções: a dor, o medo, o desejo e o prazer. O ideal do estoico é alcançar a natural aceitação dos acontecimentos, uma atitude passiva diante da dor e do prazer, a abolição das reações emotivas, a ausência de paixões de qualquer natureza. Uma passividade ante o sofrimento como assevera o estoicismo em nada pode contribuir para a superação da dor. A maneira como o estoicismo lida com o sofrimento pode ser resumida em duas objeções:

⁵⁹ WHITE, R.E.O. Hedonismo /n ELWELL, 2009, v. 2, p. 241.

⁶⁰ WHITE, R.E.O. Hedonismo /n ELWELL, 2009, v.2, p. 241.

⁶¹ DAVIS, John. *Novo Dicionário da Bíblia Ampliado e Atualizado*. São Paulo: Hagnos, 2008. p.434.

- § Uma moral sem qualquer espécie de emoção é contrária à própria natureza humana. Viver segundo a natureza é também deixar-se guiar por emoções, visto que elas são muitas vezes a nossa mais humana forma de nos relacionar e apesar de causarem sofrimento também podem causar felicidade.
- § A virtude como sabedoria faz da moral estoica algo acessível às elites intelectuais não estando, portanto, ao alcance do homem comum, de uma escolaridade mínima. O alcance da virtude, a que só o sábio tem acesso torna a moral elitista e, portanto, algo que não está ao alcance de todos. Contudo, o sofrimento é inerente a todos.

No excelente artigo “Nenhum sofrimento é em vão”, escrito pelo Dr. Russel Shedd, luzes são lançadas sobre a maneira dos estoicos lidarem com a dor:

O estoicismo grego entendeu que o sofrimento fazia parte da “razão” ou “lógica” do universo. Virtude, para os estoicos, consistiu em descobrir a direção do destino (ou da natureza) e ajustar a vida com ela. Era importante não sentir paixões ou não se submeter às emoções, mas harmonizar-se com o fatalismo dos acontecimentos fora do controle do homem. Indiferença diante do sofrimento era a melhor resposta que o filósofo Zeno e seus seguidores podiam oferecer⁶².

Esta era a atitude correta no entendimento estoico de se lidar com o sofrimento e armar-se intimamente contra ele. Entretanto, harmonizar-se com o fatalismo e ficar refém do sofrimento não ameniza a dor, antes conduz ao desespero. O estoicismo em nada ajuda aquele que sofre.

2.2.4 Panteísmo

Essa palavra vem do grego, *pan* e *Theós*, significa “tudo é Deus” e foi cunhada por John Toland em 1705, para referir-se aos sistemas filosóficos que tendem a identificar Deus com o mundo⁶³. O panteísmo apregoa que o finito e o infinito tornam-se uma e a mesma coisa, embora diferentes expressões de uma mesma coisa. O universo passa a ser auto-existente, sem começo, embora sujeito a modificações. De acordo com o panteísmo, todos os

⁶² SHEDD, Russel apud ANJOS, Wildo Gomes. *Como Enfrentar o Sofrimento*. 5ª ed. Anápolis-GO: MZ Produções Culturais LTDA, 2008. p. 89.

⁶³ FEINBERG. P. D. Panteísmo *In* ELWELL, 2009, v. 3, p. 89

seres e toda a existência de Deus, são concebidos como um todo. Segundo Zacarias Aguiar o panteísta diz “que tudo é Deus e nada é mau na sua essência; as coisas apenas parecem más ao nosso entendimento não iluminado”⁶⁴. Tratar o sofrimento como uma ilusão parece ser uma ilusão.

Do ponto de vista bíblico, o panteísmo é deficiente em maior ou menor grau por causa de duas considerações:

A primeira é que o panteísmo geralmente nega a transcendência de Deus e defende sua imanência radical. A Bíblia apresenta um equilíbrio. Deus está ativo na história e na sua criação, mas não é idêntico a elas, em menor ou maior grau. A segunda é que, por causa da tendência de identificar Deus com o mundo material, surge outra vez uma negação menor ou maior do caráter pessoal de Deus. Nas Escrituras, Deus não somente possui os atributos de uma pessoa, como também, na encarnação, Ele assume um corpo e se torna o Deus-homem. Deus é retratado supremamente como uma pessoa⁶⁵.

O Panteísmo afirma que Deus é idêntico com o universo criado. A máxima panteísta diz: “Deus é tudo e tudo é Deus.” O panteísmo tem muitas vertentes e muitos tipos, no entanto seja qual for a vertente Deus não é pessoal. Nenhum movimento moderno assumiu tanto as premissas panteístas como a Nova Era. Shiley MacLaine um arauto do movimento declarou em Denver nos Estados Unidos “que ela e todas as outras pessoas formam Deus”⁶⁶. Para o panteísta a história não existe ou é simplesmente relegada ao mundo das aparências, pois ela é cíclica e repete-se infinitamente. O objetivo da alma é abandonar o corpo e se tornar um com Deus, nem que seja necessário um grande número de reencarnações para alcançar tal objetivo. Para o panteísta que diz: “eu sou Deus e Deus sou eu,” há sérias implicações, pois Deus é o absoluto Imutável, e o homem é um ser transitório e mutável. Como pode então o homem ser Deus se ele muda e Deus não muda? A dor para o panteísta é apenas fragmento de sua imaginação.

O panteísmo também não consegue responder ao problema do mal de uma forma adequada. Dizer que a dor e o sofrimento são uma ilusão pode até filosoficamente ser possível, mas é inaceitável para quem está sendo visitado pela dor. Acreditamos que até mesmo os panteístas gritam de dor quando um membro do corpo deles é amputado sem anestesia. O fato de que o bem e o mal são ilusórios e não se distinguem também é inadequado. Por que então os criminosos vão para a prisão se o conceito de bem e mal não existe? Aqueles que estão vivendo dias difíceis não encontrarão consolo no berço dos panteístas, pois suas dores estão longe de ser apenas uma ilusão.

⁶⁴ SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de Teologia Sistemática*. Curitiba/PR: A.D. Santos, 2003. p. 138

⁶⁵ FEINBERG, P. D. Panteísmo *In* ELWELL, 2009, v. 3, p. 90.

⁶⁶ CHANDLER, Russel. *Compreendendo a Nova Era*. São Paulo: Bompastor, 1993. p. 30.

2.2.5 Budismo

Ao passo que o hinduísmo é uma multiplicidade de religiões politeístas e filosofias panteístas o budismo é basicamente uma filosofia sem Deus. O budismo surgiu na Índia cerca de quinhentos anos antes do nascimento de Cristo. Diferente do hinduísmo o budismo pode ser identificado com um fundador específico: Siddhartha Gautama⁶⁷. Buda é um título que significa “iluminado”. Seu fundador desenvolveu a partir de um movimento de reforma dentro do hinduísmo uma religião essencialmente ateuista. Suas crenças básicas segundo Norman Geisler são resumidas em quatro verdades:

- A vida é sofrimento;
- O sofrimento é causado pelo desejo de prazer e prosperidade;
- O sofrimento pode ser superado pela eliminação do desejo;
- O desejo pode ser eliminado pela Trilha Óctupla⁶⁸.

O budismo apresenta quatro verdades sagradas relativas ao sofrimento cuja suma é: “viver é sofrer”. Não há no budismo esperança em Deus ou no céu, pois não há Deus no ensinamento Gautama. O que buscam é o nirvana, a eliminação de todo sofrimento, desejo e ilusão de autoexistência. Diz-se que, fundamental e inexoravelmente, viver é sofrer. Desse ponto de partida a filosofia budista começou a elaborar a solução do problema para o sofrimento. Segundo o budismo, o que dá poder para continuar no ciclo de renascimentos é o desejo, pois dos desejos provêm as ações e estas mantêm o ciclo enfadonho de nascimento e renascimento em que se colhem os seus frutos. Enquanto houver ações haverá o resultado delas, eis a lei do carma. Esta assevera que é necessário retornar ao nascimento a fim de completar o excedente da recompensa ou do castigo. “O budismo vê a vida apenas como sofrimento”,⁶⁹ não há na filosofia budista espaço para uma vida ser vivida em abundância de dias felizes, pois “viver é sofrer”. Para o budista estamos reféns do acaso, isto é, não há um comando divino.

O principal objetivo do budismo é levar o homem a libertar-se desta vida, tornar-se um com o universo, e assim atingir o nirvana, o nada. Somente assim, disse Gautama, é que seremos livres das aflições desta vida.⁷⁰ Há consolo numa filosofia religiosa que não crê que exista um Deus pessoal, que se interessa por nós e apregoa que viver é sofrer? Para o budista

⁶⁷ WILSON, Bill. *Respostas Convincentes: O melhor de Josh McDowell*. São Paulo: Hagnos, 2006. p.307

⁶⁸ GEISLER, 2001, p.223.

⁶⁹ GEISLER, 2001, p. 223.

⁷⁰ PALAU, Luis. *Deus é Essencial*. Campinas/SP: United Press., 2001. p. 27.

“todos os 84.000 ensinamentos de Buda visam unicamente isto: libertar do sofrimento”.⁷¹

“Buda ensinou a iluminação interior; não obstante, morreu buscando mais luz. Nunca afirmou: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8:12)”.⁷²

2.2.6 Hinduísmo

Josh McDowell ao traçar uma diferença entre o cristianismo e o hinduísmo apresenta que o ser supremo do hinduísmo é indefinível, indiferente e impessoal. No hinduísmo não há nenhum pecado contra um Deus santo. O mal pode ser superado pelo esforço humano.⁷³ Só há uma forma do hindu encontrar alívio para o sofrimento e segundo as palavras de Geisler a “libertação é obtida quando o indivíduo expande seu ser e consciência a um nível infinito e percebe que o eu é o mesmo que Brahman (o ser absoluto do qual toda multiplicidade se origina)”⁷⁴.

O hindu mantém uma atitude semelhante à do budista, pois ele também, ao analisar o problema do sofrimento, estabelece uma prévia concepção de que seu nascimento originou todos os sofrimentos e desigualdades. Os sofrimentos não provêm realmente do relacionamento rompido com Deus, nem de satanás, do meio ambiente degradado pelo homem, nem ainda dos nossos semelhantes, mas, diz ele, da nossa própria escolha, num prévio nascimento.

O hindu baseia o sofrimento em dois fatos, quais sejam: o renascimento, que explica as desigualdades e os sofrimentos desta vida, e o senso de separação do ser divino. No hinduísmo as pessoas sofredoras devem ser abandonadas ao estado de sofrimento, porque esse é seu destino determinado pelo *carma*.

O hinduísmo também apresenta uma possível explicação para o sofrimento e o mal no mundo. De acordo com o hinduísmo, o sofrimento que qualquer um experimenta, seja enfermidade, fome ou um desastre, é devido às próprias ações maléficas que a pessoa tenha realizado, normalmente em vidas passadas. A alma é a única coisa que importa, pois um dia

⁷¹ SCHERER, Burkhard (Org.). *As Grandes Religiões: temas centrais comparados*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005. p. 72.

⁷² LUTZER, Erwin. *Cristo Entre Outros Deuses*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 125.

⁷³ WILSON, Bill. *Respostas Convincentes: O melhor de Josh McDowell*. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 305.

⁷⁴ WILSON, 2006, p. 305.

será livre do ciclo da reencarnação e descansará. Para hinduístas e budistas está fora de qualquer questionamento a máxima: a vida sempre está ligada ao sofrimento. A própria condição passageira em si é sofrimento. O único alento para os que creem no budismo e hinduísmo quanto ao sofrimento é que “o sofrimento pode ser visto como uma chance e como purificação de um carma infeliz”⁷⁵.

2.2.7 Islamismo

Maomé o fundador do islamismo nasceu em cerca de 570 d.C. na cidade de Meca, na Arábia. Seu pai morreu antes de seu nascimento e sua mãe morreu quando ele tinha seis anos, sendo criado primeiramente pelo avô e depois pelo tio⁷⁶. A palavra islã é um substantivo formado a partir do verbo árabe que significa “submeter-se”, resignar-se ou sujeitar-se”. Islã quer dizer submissão ou resignação, e a sua derivação traz a ideia de ação, e não a de simples imobilidade. O próprio ato da resignação obediente está no coração do Islã, mais do que uma aceitação e sujeição passivas à doutrina. Muçulmanos, outra forma substantivada do mesmo verbo, significa: “aquele que se submete”⁷⁷. O ensinamento de Maomé o fundador do Islamismo, segundo Geisler pode ser resumido em cinco doutrinas⁷⁸:

- Alá é o único Deus.
- Alá enviou muitos profetas, inclusive Moisés e Jesus, porém Maomé, o último deles, é o maior.
- O Alcorão é o supremo livro religioso, tendo prioridade sobre a Lei, os Salmos e o Injil (Evangelhos) de Jesus.
- Existem muitos seres intermediários (anjos) entre Deus e nós, alguns deles sendo bons e outros maus.
- As obras de cada ser humano serão pesadas, a fim de se determinar quem irá para o céu ou para o inferno, na ressurreição.

O Islamismo talvez seja a concepção religiosa mais simplória de enxergar o sofrimento. O muçulmano se impressiona com a soberania de Deus. Tudo o que acontece é sua vontade. Ele predeterminou e predestinou tudo o que acontece. Tanto o bem como o mal

⁷⁵ SCHERER, 2005, p. 74.

⁷⁶ WILSON, 2006, p. 336.

⁷⁷ WILSON, 2006, p. 335.

⁷⁸ WILSON, 2006, p. 335.

que nos advêm são a sua vontade. A atitude do fiel é submeter-se a ela. Muitas crenças muçulmanas vêm da Bíblia, contudo, apesar da influência e semelhanças, as diferenças são notáveis. O islamismo não crê num Deus pessoal e exclui completamente a Trindade, conforme é ensinada na Bíblia. No islamismo Deus está divorciado de sua criação. Sua transcendência o impede de ser pessoal. No islã, a pessoa e obra de Cristo não tem significado nenhum em termos de fundamentos da fé, pois não acreditam que Cristo é o filho de Deus, nem que ressuscitou dentre os mortos. “No islamismo o sofrimento não possui nenhum valor religioso”⁷⁹.

Que acréscimo uma religião que nega as principais balizas do cristianismo pode representar na hora da dor? A Trindade, a divindade de Cristo, a ressurreição, a natureza pecadora do homem e a salvação por graça de Deus são negadas. É certo o que alguém já disse: “o islamismo foi criado por um profeta que morreu; o cristianismo, por um Salvador ressurreto”⁸⁰. A maior fonte de superação da dor vem daquele que o islamismo nega, Jesus. O fiel ao islamismo não pode ser consolado com essas palavras: “Tenho-vos dito estas coisas, para que em mim tenhais paz. No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”⁸¹. Erwin Lutzer ao apresentar os critérios pelos quais todas as cosmovisões podem ser julgadas, quando se refere ao islamismo diz: “Maomé falou que ele e suas tribos eram os descendentes de Abraão através de Ismael, outro dos filhos de Abraão. Mas não declarou: Antes que Abraão existisse eu sou (Jo 8:58)”⁸².

2.2.8 Judaísmo

Não se pode considerar a Bíblia como revelação divina sem também reconhecer o lugar dado ao judaísmo histórico. Enquanto o cristianismo reconhece que a promessa de um salvador pessoal e espiritual é o ápice da revelação bíblica, o judaísmo mesmo com suas ramificações ortodoxas, conservadoras e reformadas tem se confundido quando ao seu conceito do messiado. Apesar de haver diferenças marcantes em muitas áreas da crença e da prática entre o judaísmo e o cristianismo, existe uma herança comum compartilhada, conforme expõe o judeu Pinchas Lapidé:

⁷⁹ SCHERER, 2005, p. 73.

⁸⁰ WILSON, 2006, p. 345.

⁸¹ Bíblia Sagrada. João 16:33.

⁸² LUTZER, 2000, p. 125.

Na crença em um só Deus, nosso Pai;
 Na esperança da sua salvação;
 Na ignorância sobre seus caminhos;
 Na humildade diante de sua onipotência;
 No conhecimento de que nós pertencemos a Ele, e Ele a nós;
 No amor e na reverência dedicada a Ele;
 Na dúvida sobre a nossa fidelidade inconstante;
 No paradoxo de que nós somos pó e ainda assim imagem de Deus;
 Na consciência de que Ele nos quer como companheiros na santificação do mundo;
 Na condenação do chauvinismo religioso arrogante;
 Na convicção de que o amor a Deus é inútil sem o amor ao próximo;
 No conhecimento de que todo ato de falar sobre Deus deve continuar num balbucio em nosso caminho a Ele⁸³.

Notadamente no que diz respeito ao sofrimento, Pannenberg dá uma ótima contribuição para elucidar a concepção do judaísmo com relação ao problema do mal quando diz:

No judaísmo inicialmente não surgiu o problema da teodiceia apesar do monoteísmo judaico, e precisamente não apenas por causa da submissão à vontade insondável de Deus, mas igualmente pela circunstância de que se acreditava que Deus era causador soberano tanto do mal quanto do bem. Unicamente o sofrimento dos justos e a felicidade dos ímpios tinha de ser percebidos como tribulação para a fé judaica, porque ambos pareciam incompatíveis com a justiça de Deus⁸⁴.

Ainda, segundo Pannenberg, a concepção judaica era a de que Deus consideraria com graça o seu povo, livrá-lo-ia de todas as suas tribulações, não permitiria chegar à tenda do justo nenhuma “enfermidade”, compensaria em dobro todas as suas perdas, e dar-lhe-ia abundância de dias e prosperidade. No entanto, com as constantes derrotas que culminaram com o cativo essa concepção teve que ser remetida para uma visão escatológica que se desenvolveu no judaísmo pós-exílico. Aqui estava outra concepção mais elevada, destruindo a crença superficial de que o justo prosperaria, teria vida longa e que seus olhos veriam somente as tribulações sobrevirem aos outros.

Diante do exposto, pode-se indagar: qual concepção ou cosmovisão se “encaixa” melhor na convicção de que Deus se encontra presente e ativo em meio ao sofrimento no mundo? Esses vários modelos entre outros segundo MacGrath “provavelmente são vistos mais como modelos que se complementam do que paradigmas rivais”⁸⁵. Temos sérias restrições quanto à complementariedade dessas concepções, visto que todas excluem a pessoa bendita de Jesus como resposta ao problema do sofrimento. Cremos, porém, que MacGrath exclui o cristianismo dessa sua afirmação.

⁸³ WILSON, 2006, p. 333.

⁸⁴ PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. Santo André/SP: Academia Cristã/ Paulos, 2009. v. III, p. 823.

⁸⁵ MCGRATH, Alister. E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007. p. 336.

Quanto ao cristianismo nas palavras de Gustaf Aulén é bom que se diga que:

O cristianismo não é uma religião que tem no bolso do colete, explicação imediata para tudo o que acontece. Ao contrário, ele se recusa a propor uma cosmovisão racional ou, em outras palavras, a transformar a fé num sistema monista de pensamento capaz de resolver todos os enigmas⁸⁶.

O mesmo Gustaf ao explicar a relação da fé com o problema do mal diz que “se o mal fosse invencível, a fé em Deus estaria morta”, pois segundo ele, “os olhos da fé veem não só o mal em toda a sua fealdade, mas também, e acima de tudo, o Deus vitorioso”⁸⁷.

É claro que essas “cosmovisões” acerca das causas do sofrimento sugeridas por variados segmentos religiosos não satisfazem plenamente as indagações causadas pelas perdas e dores e diferentemente do que entende MacGrath pouco se complementam, antes, se chocam.

Larry Crabb salienta de maneira mais lúcida esta questão enfatizando que as pessoas podem ser divididas em dois grupos: o das que acham que a vida dá certo (ou poderia dar se certos princípios fossem seguidos) e o das que sabem que não dá certo. Não importa quão escrupulosamente obedeçamos essas regras, a vida, eventualmente, nos lança numa esquina que não esperávamos e não tínhamos como evitar. O segundo grupo sabe disso⁸⁸.

⁸⁶ AULÉN, Gustaf. *A Fé Cristã*. São Paulo: ASTE, 2002. p. 171.

⁸⁷ AULÉN, 2002, p. 172.

⁸⁸ CRABB, Larry. ALLENDER, Dan. *Esperança No Sofrimento*. São Paulo: Sepal, 2000. p.17.

3 DEUS E A RELAÇÃO COM O MAL

Se “Deus, poderíamos dizer, de modo nenhum é um princípio passivo ou uma essência estática, mas eternamente existente como energia total, inexaurível, pessoal, um Deus vivo, formando e ordenando tudo no seu mundo de maneira ativa”⁸⁹, qual a relação desse Deus com o mal? Se Deus não pode desejar o mal, antes sempre deseja o bem, então surge uma indagação natural: qual é a sua causa?

A presença do mal e do sofrimento no mundo coexistindo com a ideia de um Deus bondoso que governa o universo, constitui-se num grande obstáculo a racionalidade. A grande maioria dos teístas rejeita o dualismo⁹⁰, isto é, o mal não é um princípio co-eterno separado de Deus. Contudo, ao rejeitar o dualismo torna-se extremamente difícil explicar a realidade do mal, pois se o mal não é algo separado de Deus e ao mesmo tempo não pode proceder de Deus, então o que é? O problema pode ser exposto da seguinte forma:

- Deus é o autor de tudo que existe;
- O mal é algo que existe;
- Portanto, Deus é o autor do mal.

Rejeitar a primeira premissa leva indubitavelmente ao dualismo. Negar a segunda premissa leva a uma forma de panteísmo e ambas as concepções não são aceitas pelo teísmo clássico. Por outro lado, negar que Deus não criou todas as coisas é minar a sua soberania, porém afirmar que é o criador de tudo pode levar à conclusão que Deus é o autor do mal. Para escapar dessa encruzilhada a formulação clássica do teísmo responde que o mal não é uma coisa ou substância, antes é a falta ou privação de algo bom que Deus fez. Nas palavras de Geisler o problema pode ser solucionado a partir das seguintes premissas⁹¹:

Deus criou toda substância;
O mal não é uma substância (mas uma privação numa substância);
Logo, Deus não criou o mal.

Concordar que Deus não criou todas as coisas é negar sua soberania e uma afronta não apenas aos adeptos da teologia reformada, mas ao teísmo clássico. Por outro lado, admitir

⁸⁹ KEELEY, Robin. *Fundamentos da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2000. p.86.

⁹⁰ Dualismo é a teoria de interpretação que explica determinada situação em termos de dois fatores ou princípios opostos entre si. De modo geral, os dualismos são classificações duplas que não admitem graus intermediários. O dualismo ético-religioso afirma que no mundo, há duas forças, sendo que uma delas é a origem do bem, e a outra, a origem do mal e o universo se torna o campo de batalha para essas duas forças identificadas também como luz e trevas. KUHN. H. B. Dualismo *In* ELWELL, 2009, v.1, p. 506.

⁹¹ GEISLER, p. 535.

que Deus causou todas as coisas e que o mal faz parte de um projeto pensado por ele é dar munção para aqueles que asseveram que Deus causou o mal. Para minar esse entendimento alguns se valem de argumentos filosóficos para responderem que o mal não é uma coisa ou substância, antes, é a falta ou a privação de algo bom que Deus fez. Dizer que o mal não é algo, mas uma falta nas coisas, não é o mesmo que afirmar que ele não é real. Temos de entender que privação não é o mesmo que simples ausência. O mal não é uma entidade real, mas a corrupção real em uma entidade real. É preciso tomar cuidado para não levar tão longe esse entendimento filosófico a ponto de ofuscar a possibilidade de o homem pecar.

Não é fácil entender a relação de Deus com o mal na Bíblia, pois a Bíblia prevê muitas imagens de Deus. Por um lado, Deus é o Todo-poderoso e controlador, inclusive do mal: “Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu sou o Senhor, que faço todas estas coisas”⁹². Já na conhecida história de José narrada no livro de Gênesis em alguns textos fica evidente que Deus orquestrou desde a venda de José como escravo, sua prisão até chegar ao governo do Egito e cumprir o plano redentor para com seu povo. Essa verdade não poderia ser mais clara no seguinte texto:

Deus enviou-me adiante de vós, para conservar-vos descendência na terra, e para guardar-vos em vida por um grande livramento. Assim não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como governador sobre toda a terra do Egito⁹³.

Fica claro para o autor de Gênesis que a ideia apesar de executada pelos irmãos de José, foi meticulosamente planejada por Deus na vida de José. “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; Deus, porém, o intentou para o bem, para fazer o que se vê neste dia, isto é, conservar muita gente com vida”⁹⁴.

Por outro lado, nas palavras dos profetas, o Senhor repetidamente implora ao povo para que se arrependam e voltem dos seus maus caminhos.

Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã. Se quiserdes, e me ouvirdes, comereis o bem desta terra; mas se recusardes, e fordes rebeldes, sereis devorados à espada; pois a boca do Senhor o disse⁹⁵.

Esta mesma ideia de Deus apelando para mudança do comportamento humano está patente no livro de Ezequiel: “Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus; convertei-vos, pois, e vivei”⁹⁶.

⁹² Bíblia Sagrada. Isaías 45:7

⁹³ Bíblia Sagrada. Gênesis 45:7,8

⁹⁴ Bíblia Sagrada. Gênesis 50:20

⁹⁵ Bíblia Sagrada. Isaías 1:18-20

⁹⁶ Bíblia Sagrada. Ezequiel 18:32

Já no Novo Testamento a mais sublime revelação de Deus se dá por meio da encarnação de Jesus Cristo. Certamente essa encarnação é a chave hermenêutica para compreensão das demais figuras de Deus na Bíblia. O Deus de Jesus Cristo é o Pai celestial, amoroso que deseja a felicidade de todas as pessoas. Essa compreensão é sobeja nos evangelhos e nas cartas. Para corroborar com essa figura de Deus um texto áureo se faz oportuno: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”⁹⁷.

Reconciliar essas figuras entre outras de Deus é um grande desafio. Não menos desafiador é entender o mal como pertencente ao projeto de Deus para a humanidade. Quando a calamidade chega, muitos de nós somos tentados a considerá-la como puramente acidental, mas os versos transcritos por Paul Billheimer mostram que há uma razão de ser para cada dor. Há uma inteligência e um desígnio nas circunstâncias que envolvem a nossa vida. O poema abaixo expressa essa verdade:

Para cada dor que devemos suportar,
 Para cada tristeza, sim, para cada pesar,
 Há um motivo.
 Para cada falsidade proferida,
 Para cada lágrima vertida,
 Há um motivo.
 Para cada tristeza e aflição,
 Para cada milha percorrida em solidão,
 Há um motivo.
 Mas se confiarmos em Deus como convém,
 Tudo cooperará para o nosso bem;
 Deus conhece o motivo⁹⁸.

Não há acaso na vida do cristão, mas de fato “Deus molda o nosso destino sem considerar os esboços que dele traçamos”⁹⁹. Porém, assumindo que Deus é a causa eficiente de tudo que existe, muitos erroneamente ensinam que ele é o autor do pecado. Por certo, não é fácil conciliar a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Dar uma resposta para a pergunta sobre a possibilidade de haver uma ordem por detrás de todos os acontecimentos ruins ou se tudo acontece de forma aleatória é um desafio. Vivemos num tempo em que, por um lado, as pessoas pensam que o acaso governa, ou, por outro, defendem uma espécie de fatalismo. A Bíblia não concorda com nenhuma dessas crenças. Ela afirma o controle soberano de Deus sobre todas as coisas através de sua providência. A doutrina da providência nos mostra o quanto Deus é pessoal e está diretamente envolvido em tudo o que acontece neste mundo. A Bíblia é taxativa quando diz: Deus não pode ser tentado pelo mal, e “Ele

⁹⁷ Bíblia Sagrada. João 3:16.

⁹⁸ BILLHEIMER, Paul. *O Mistério da Providência de Deus*. São Paulo: Vida, 2006. p. 21.

⁹⁹ BILLHEIMER, 2006, p.22.

mesmo a ninguém tenta”¹⁰⁰. Logo, se depreende que Deus não é o autor do mal. Caso isso fosse uma realidade caberia uma pergunta angustiante: Como poderia ser Deus o autor do pecado e daí a condenar o homem ao inferno por aquilo que Deus mesmo induziu?

Entretanto, esse tipo de reflexão não deve nos distanciar de que as Escrituras nos asseguram de que Deus não pode ser pego de surpresa. Assim, o sofrimento consta do decreto de Deus. Grudem faz uma diferença interessante e elucidativa quanto ao que significam os decretos de Deus e a providência. Alguns autores esboçam o assunto num mesmo segmento, mas Grudem assim diferencia decretos de Deus e providência: “Os decretos de Deus são os divinos desígnios eternos por meio dos quais, antes da criação do mundo, ele determinou realizar tudo o que acontece”¹⁰¹. Os decretos nas palavras de Grudem se referem às decisões divinas antes da fundação do mundo, anteriores à criação. Já a providência se refere a seus atos providenciais no tempo, ou seja, “a efetivação dos decretos eternos que ele baixou há muito tempo”¹⁰². O salmista expressa essa compreensão quando diz: “[...] no teu livro foram escritos os dias, sim, todos os dias que foram ordenados para mim, quando ainda não havia nem um deles”¹⁰³.

Também uma boa palavra a esse respeito é a de John Dagg quando afirma que Deus “determina os eventos que se sucedem de tal modo que os seus propósitos encontram cumprimento”. Já se antecipando como Deus faz isso sem ferir a liberdade humana, o mesmo Dagg diz: “Deus vê o brotar de cada volição e, visto que seu poder pode ser exercido em qualquer situação, mesmo enquanto a volição humana ainda está tomando forma, todos os recursos de sua infinita sabedoria permitem-lhe harmonizar os seus planos”¹⁰⁴.

D. James Kennedy, para explicar a relação de Deus com o mal no contexto de sua providência, recorre às principais confissões de fé: Confissão de fé Belga, Catecismo de Heidelberg, Confissão de Fé de Westminster e sintetiza o entendimento em três sentenças:

- Deus criou e preserva todas as coisas;
- Deus governa toda a criação e os fenômenos naturais;
- Deus governa os pensamentos e ações humanas¹⁰⁵.

¹⁰⁰ Bíblia Sagrada. Tiago 1:13,14.

¹⁰¹ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Atual e Exhaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 262.

¹⁰² GRUDEM, 2006, p. 262.

¹⁰³ Salmo 139:16.

¹⁰⁴ DAGG, John. *Manual de Teologia*. São Jose dos Campos/SP: Fiel, 2003. p. 107.

¹⁰⁵ KENNEDY, D. James. *Como É Deus. Verdades Transformadoras Sobre O Deus Imutável*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. p. 146,147.

4 DEUS DIRIGE A HISTÓRIA

As principais Teologias Sistemáticas publicadas em português esboçam a argumentação quanto à providência de Deus em três divisões básicas com pequenas variações quanto à nomenclatura: Preservação, Concorrência e Governo. É o caso de Louis Berkhof, Millard J. Erikson, Charles Hodge, Augustus Hopkins Strong, Wayne Grudem, Lewis Sperry Chafer. Exceção é Charles C. Ryrie que trata o assunto superficialmente na segunda parte de sua teologia. Emil Brunner em sua dogmática, apesar de esboçar com precisão as nuances relativas à providência, para atenuar o conflito gerado pela ideia de um Deus que decreta todas as coisas sem ferir a liberdade do homem, simplesmente advoga que Deus se limitou.

É elucidativa a argumentação de Louis Berkhof para descrever como a providência divina se manifesta: Preservação, Concorrência e Governo¹⁰⁶. Escrevendo aos Efésios Paulo afirma categoricamente que Deus "faz todas as coisas de acordo com o conselho da sua vontade"¹⁰⁷. Isto quer dizer que nada do que acontece neste mundo é à parte do cumprimento da vontade de Deus e sem que ele esteja envolvido. A palavra grega que é traduzida como "faz" é *energeo*¹⁰⁸ (de onde vem a palavra portuguesa energia, que é a comunicação de poder ou o fato de Deus trabalhar, operar, efetuar), que indica o fato de Deus energizar cada obra na qual ele participa. Sem a energia ou o poder divino, nenhum evento acontece e nenhuma obra é feita. A vontade de Deus opera de modo que em todas as coisas tem participação. Nenhum evento que acontece no mundo está fora da providência de Deus.

O mundo não está nas mãos de uma força impessoal. O mundo está nas mãos de um Deus que trabalha. Quando os fariseus recriminaram Jesus por ter curado no sábado, Jesus afirmou que o sétimo dia não significava o fim do trabalho divino. Jesus disse: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”¹⁰⁹. Deus continua trabalhando no mundo. A isto se chama de providência. É oportuna a definição de providência dada por Paul Helm: “O permanente exercício da energia divina, pelo qual o Criador preserva todas as suas criaturas, opera em tudo que se passa no mundo e dirige todas as coisas para o seu determinado fim”. À

¹⁰⁶ BERKHOF, Louis Berkhof. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 156-161.

¹⁰⁷ Bíblia Sagrada. Efésios 1.11.

¹⁰⁸ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso; METZGER, Bruce M. *Estudos do Vocabulário do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 82.

¹⁰⁹ Bíblia Sagrada. João 5:17.

luz dessa compreensão o próprio Helm afirma que “nenhuma decisão humana pode mudar a vontade divina sobre qualquer assunto”¹¹⁰.

Deus dirige a história, e os seres humanos são um dos seus agentes. Deus escreve a história e os múltiplos agentes, inclusive os homens, a fazem. Mas essa última sentença poderia levar ao conceito errôneo de que o homem faz a história sozinho. De modo algum! Deus não está ausente dos eventos e dos atos que os homens praticam. Ele participa em tudo o que se faz. Como disse Chefer: “Ele dirige todas as coisas perfeitamente, sem dúvida; todavia, sem compelir a vontade humana”¹¹¹.

Deus não apenas criou o mundo como também o sustenta. O texto de Hebreus diz que o mundo foi criado através de Jesus, e que é sustentado igualmente através dEle “pela palavra do seu poder”¹¹². É este poder criador de Deus e que sustenta diretamente o mundo que caracteriza o que se diz da doutrina da providência divina. Nas palavras de Emil Brunner:

A idéia de Providência Divina é também a absoluta negação da idéia de que o universo não tem sentido, que as coisas apenas acontecem por acidente. Tudo o que é, e tudo que acontece, ocorre dentro do conhecimento e da vontade de Deus. Assim nada há de casual na vida, nada acontece de qualquer maneira. Tudo o que acontece tem seu fundamento último em Deus. Tudo o que acontece está relacionado com o propósito divino; tudo está ordenado de acordo com, e em subordinação a, o plano divino e o propósito divino último¹¹³.

Esta abordagem de Brunner é significativa, pois está relacionada diretamente com a maneira de Deus agir para que os seus propósitos providenciais sejam devidamente realizados no universo em geral e de suas criaturas em particular. Portanto, para que Deus preserve, sustente, dirija o mundo torna-se necessária a sua participação em todos os eventos e decisões, a fim de que todos os seus decretos sejam cumpridos.

Um Deus que criasse todas as coisas e as entregasse à sua própria sorte não seria um Deus pessoal, mas distante, impessoal e despreocupado. A Escritura ensina que Deus se envolve com tudo aquilo que Ele criou até nos mínimos detalhes. Se Deus cuida até dos passarinhos, alimentando-os e sustentando-os durante toda a vida deles, se Deus sabe até o número de cabelos que temos na cabeça, então é certo que o envolvimento de Deus com sua criação é total desde as menores até as maiores coisas. O envolvimento de Deus conosco em meio ao sofrimento é tão intenso que o salmista escreve estas palavras extraordinárias:

¹¹⁰ HELM, Paul. *A providência de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 122.

¹¹¹ CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2008. v.7 e 8, p. 19.

¹¹² Bíblia Sagrada. Hebreus 1:1-3

¹¹³ BRUNNER, Emil. *Dogmática: Doutrina cristã da criação e redenção*. São Paulo: Fonte editorial, 2006. v. 2. p. 214.

“contaste os meus passos quando sofri perseguições; recolheste as minhas lágrimas no teu odre; não estão elas inscritas no teu livro?”¹¹⁴.

Imaginar um Deus que criou o mundo, mas o abandonou à sua própria sorte é algo absurdo, pois segundo a Bíblia, a providência de Deus é a causa do mundo ainda existir. Millard Erickson parece ser bem didático quando apresenta o assunto em sua teologia sistemática:

Pode-se pensar na providência sob dois aspectos. Um aspecto é a obra divina, para preservar a existência de sua criação, mantendo-a e sustentando-a; isso em geral é denominado preservação ou sustento. O outro é a atividade divina que guia e dirige o curso dos acontecimentos para que cumpram o propósito que ele tem em mente. Isso é denominado governo ou providência propriamente dita¹¹⁵.

Deus não apenas cria todas as coisas e preserva, mas age em todas as coisas que acontecem. Os teólogos têm chamado isso de Concorrência ou a junção de duas forças. Não significa necessariamente que sejam duas forças em pé de igualdade, mas, apenas que dois lados cooperam de alguma forma. Quando se diz que Deus e o homem agem conjuntamente não quer dizer que é 50% para cada lado.

A vontade de Deus é sempre superior à vontade humana. Este é um assunto difícil e com entendimentos contrários, mas deve-se asseverar que o ensino da Palavra de Deus converge para um governo absoluto de Deus, inclusive no que diz respeito ao sofrimento. No livro de Provérbios três textos são verdadeiras pérolas para se compreender que o projeto de Deus é executado em detalhes nas vidas humanas. “O coração do homem pode fazer planos; mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor [...] O coração do homem propõe o seu caminho; mas o Senhor lhe dirige os passos [...] Muitos são os planos no coração do homem; mas o desígnio do Senhor, esse prevalecerá”¹¹⁶. Eis algumas verdades supremas que se pode formular a partir destes textos:

- A palavra final em nossas vidas sempre é do Senhor.
- Não há acasos em nossas vidas. O homem é guiado, dirigido pelo Senhor, não pelas circunstâncias.
- Não há outro plano, projeto que se estabelecerá senão o de Deus.

A tudo isso Berkhof define como sendo o governo de Deus ou como ele mesmo disse: "a cooperação do poder divino com os poderes subordinados, de acordo com as leis pré-estabelecidas para sua operação fazendo-as atuar, e que atuem precisamente como o

¹¹⁴ Bíblia Sagrada. Salmo 56:8

¹¹⁵ ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2005. p.170.

¹¹⁶ Bíblia Sagrada. Provérbios 16:1,9; 19:21.

fazem”¹¹⁷. Isto não significa que os poderes da natureza não atuem por si mesmos, isto é, por seu próprio poder inerente, mas é Deus quem opera imediatamente em cada ato da criatura.

As causas secundárias são reais e devem ser consideradas também como o poder operativo de Deus. Somente assim podemos entender a cooperação da primeira causa com as causas secundárias. Deve insistir-se nisto em oposição à ideia panteísta de que Deus é o único agente que opera no mundo. A atividade de Deus não exclui a participação humana no que diz respeito às coisas santas e, de modo inverso, nas atividades ímpias dos homens não há exclusão da cooperação divina, em ambas tudo se move para cumprir os propósitos eternos de Deus.

Todas as outras operações são efetuadas numa cooperação entre os agentes racionais livres e Deus. Não há atos onde elas ajam autonomamente. Todas as criaturas são energizadas pelo poder presencial de Deus em todos os seus atos. Elas não poderiam existir nem atuar sem esse poder energizador de Deus. É desse modo que Deus e os seres humanos participam na consecução dos planos divinos.

Todas as boas ações deste mundo sofrem a ação do “*energeo*” de Deus. Tudo o que acontece de bom, acontece porque duas coisas participaram: a vontade do homem e a vontade de Deus. Em sua soberania, Deus não anula a vontade do homem. Aqui está a chave de compreensão.

Não é difícil ver a atuação de Deus nas atitudes boas dos homens, afinal de contas Deus é bom e fonte de todo bem. Mas, e com relação às coisas más que acontecem? Como já dissemos uma das coisas mais difíceis de se compreender e conciliar é a vontade soberana de Deus e os atos maus das pessoas. Uma forma de responder à questão é dizer simplesmente que Deus permite que as pessoas façam coisas más. Em parte esta resposta está certa. As atitudes más dos homens seriam permitidas por Deus, embora ferissem sua vontade preceptiva. Mas, como já mencionado e nunca poderemos nos esquecer é que Deus tem uma vontade decretiva. Então, cabe uma pergunta: Como os atos maus dos homens se relacionam com os decretos de Deus?

Observam-se na Bíblia alguns casos que mostram que mesmo os atos maus das pessoas não foram feitos independentemente de Deus. O “*concursum*” pode ser visto em Provérbios 16.1, 9: "O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor... O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos." Os dois versos acima mostram que os homens podem fazer planos, podem traçar os

¹¹⁷ BERKHOF, 2007, p. 202.

seus caminhos, mas nada é realizado sem a anuência concorrente de Deus. Em última análise, a decisão é de Deus em todos os acontecimentos da história pessoal dos seres humanos. Ainda no livro de provérbios, esta verdade é exposta nas seguintes palavras: "Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina" (Pv 21:1). Foi exatamente isso que aconteceu com o rei da Assíria que, tendo o coração mau, foi inclinado por Deus a realizar o seu propósito. Assim Esdras registra esse fato: "Celebraram a festa dos pães asmos por sete dias com regozijo, porque o Senhor os tinha alegrado, mudando o coração do rei da Assíria a favor deles, para lhes fortalecer as mãos na obra da casa de Deus, o Deus de Israel" (Ed 6.22). Até em um ato praticado acidentalmente enxergamos a ação de Deus. A Escritura apresenta o exemplo de um evento contingente em Ex 21.12-13: "Quem ferir a outro de modo que este morra, também será morto. Porém se não lhe armou ciladas, mas Deus lhe permitiu caísse em suas mãos, então te designarei um lugar para onde ele fugirá." O texto é elucidativo quanto à ação concursiva de Deus que fez com que um homem caísse nas mãos de outro homem. Os textos são sobejos em demonstrar que Deus está presente em todas as ações humanas, inclusive nos eventos contingentes.

Em sua vontade decretiva, Deus determinou tudo o que deve acontecer, inclusive os atos maus dos homens. Porém, isso não faz de Deus o autor do pecado destes homens. Embora certas coisas ruins estejam decretadas, os homens as fazem livremente e a culpa recai somente sobre eles, pois suas inclinações más desejaram fazê-las.

Tudo o que acontece neste mundo, acontece debaixo do olhar e do comando eficaz de Deus, nada foge ao Seu controle, porém, tudo o que o homem faz, faz porque sua vontade deseja. Deus age neste mundo e também os homens agem. Há uma concorrência entre os dois, porém, não uma junção de forças, como se o homem fizesse metade e Deus o resto. O fato é que Deus age no homem, levando-o a fazer a vontade suprema, mas sem ferir a responsabilidade pessoal do homem por cada ato seu, e sem ser o autor do pecado dos homens. No caso do pecado, todo ato pecaminoso ocorre por ação do homem. Deus estabeleceu como meio de execução do seu propósito as criaturas, entretanto elas têm os seus movimentos nascidos nelas. As pessoas não são meros instrumentos passivos. As criaturas são as causas secundárias ativas. Elas causam seus atos a partir de uma causa pensada e não alheio a Deus.

Se os seres humanos fossem passivos em todos os seus movimentos, eles não poderiam ser considerados como responsáveis. Por conseguinte, não poderiam ser punidos pelos erros que cometeram nem apreciados pelos seus acertos. Todavia, as Escrituras são abundantes em textos que tratam da responsabilidade humana em todos os seus atos, mesmo

que e embora esses atos tenham tido a cooperação divina, como a causa primária. Homens e mulheres são punidos e recompensados pela justiça distributiva de Deus. A base disto está no fato deles serem ativos e conscientes em todas as coisas que fazem.

Se os seres humanos fossem passivos nas suas ações, Deus então seria o culpado direto e único dos males morais deste mundo, um praticante do mal e responsável por todos os males físicos, sociais e espirituais do mundo. Não podemos admitir uma causa única dos atos e eventos acontecidos neste mundo. Deus e os seus agentes secundários são ativos, de modo que a ação de Deus nunca o torna um praticante do mal, nem o homem é isento de sua responsabilidade.

Se os seres humanos fossem passivos diante da soberania divina, então não haveria propósito em punir o pecado dos homens. Eles nunca poderiam ser acusados de serem idólatras, assassinos, ladrões, desobedientes e coisas semelhantes a essas.

Não se pode atribuir as coisas boas e aos males deste mundo apenas a uma única causa. Todos os eventos na história do mundo e dos indivíduos têm duas causas. A causa primária, que é Deus, e a causa secundária, que são as suas criaturas. A resignação diante do destino cego não se coaduna com a crença num Deus que planejou e está executando um plano pensado antes da fundação do mundo. A isso faz bem as palavras de John Dagg: “precisamos não apenas sentir a presença da mão de Deus em nossas aflições, mas também precisamos entender que tudo é planejado para nosso benefício”.¹¹⁸

4.1 Deus Governa Todas as Coisas

Charles Hodge propõe uma sequência muito interessante sobre o governo providencial de Deus. Primeiramente ele é universal, pois inclui tudo e todos. Esse governo é poderoso, visto que Deus avoca sua onipotência para reger minuciosamente a execução do seu projeto. Esse governo também é sábio; o que significa que os fins e os meios se coadunam para propósitos definidos. Esse governo é santo; nada do que ocorre no mundo visível e invisível pode ser contraditório à santidade de Deus¹¹⁹.

A perspectiva do governo de Deus é mais uma forma de ver o decreto de Deus. A Bíblia apresenta Deus como o Grande Rei que está assentado no trono e governa todas as

¹¹⁸ DAGG, 2003, p.113.

¹¹⁹ CHARLES, Hodge. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 433.

coisas conforme sua vontade determina. O que seria do mundo se Deus não tivesse propósitos? Se ele simplesmente deixasse a “coisa rolar”, seguindo o livre curso das decisões dos homens? Que garantias haveria de que as promessas bíblicas se cumpririam? Como poderíamos saber que de alguma forma, o homem não sabotaria o plano divino? Toda expectativa de fé se tornaria muito efêmera se Deus não tivesse propósitos e poder para realizá-los.

Deus tem propósitos. O entendimento relativo à providência de Deus permite afirmar que Ele guia os eventos do mundo para um determinado fim. Esse fim é o “beneplácito de sua vontade”¹²⁰, é o seu supremo propósito para esse mundo que redundará em “louvor da Sua glória”¹²¹. Nada acontece por acaso. Não existe a sorte ou o acaso. Nem mesmo o destino cego. No caso específico do sofrimento, imaginar que o destino cego é que guia todas as coisas não melhora as coisas.

Contudo, a Confissão de Fé de Westminster, quando trata do decreto de Deus e da sua providência, ensina que:

Desde toda eternidade, Deus, pelo seu mui sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas¹²².

Torna-se imperativo para entendimento dessa matéria que haja uma distinção entre as duas causas, a primária e a secundária. O momento histórico da Confissão de Westminster foi significativo, pois havia começado um descrédito nas obras providenciais de Deus por causa da descoberta da lei natural. Hoje, mesmo respirando um clima filosófico diferente, se sofre dos mesmos males onde persiste a dúvida da intervenção divina neste mundo. Segundo Johannes Geerhardus Vos há vários pontos que devem ser considerados a partir desse entendimento de providência constante na Confissão de Fé de Westminster¹²³:

- Tudo o que acontece neste mundo é produto do decreto divino. Todas as obras providenciais de Deus fazem parte do decreto.
- Esses eventos acontecerão infalível e imutavelmente. Não há como fugir deles, mesmo os atos maus.
- Deus nunca pode ser considerado o autor do pecado;

¹²⁰ Bíblia Sagrada. Efésios 1:5.

¹²¹ Bíblia Sagrada. Efésios 1:12.

¹²² VOS, Johannes Geerhardus. *Catecismo Maior de Westminster*. São Paulo: Os Puritanos, 2002. p. 77.

¹²³ VOS, 2002, p. 68.

- O homem nunca perde a sua liberdade que consiste no fato de nunca ser forçado no que faz. Ele sempre faz o que quer, conforme as disposições da sua natureza interior.
- Todas as causas secundárias agem livremente, conforme a natureza da causa, seja essa causa física, animal, humana ou angélica.

Não há ato humano que seja feito contra a vontade humana e nunca a liberdade humana é tirada. Todavia, os atos do ser humano não são independentes, mas sempre conectados a uma vontade maior que é a divina, a causa primeira. Sobre isso John Piper faz uma pergunta: “se tudo o que ocorre, ocorre porque Deus assim o desejou antes do início dos tempos, então como as ações humanas podem ser livres?”¹²⁴. Esta matéria também não é fácil de ser digerida mesmo no meio cristão. Há razões para isso, especialmente por causa do conceito vigente de liberdade que, quase sempre, possui a conotação de autonomia ou de independência. A argumentação sempre é a que ressalta John Piper:

se a explicação final para as escolhas que faço encontra-se fora de mim, então não sou realmente livre, e não posso ser responsabilizado pelo que escolho. E se não posso ser responsabilizado, então não posso ser, com justiça, louvado ou culpado ou premiado ou punido pelo modo como escolho¹²⁵.

No nível da vida cotidiana, numa ambiência horizontal, isso parece fazer sentido. No entanto, a Bíblia é clara e contundente em fazer menção à liberdade e responsabilidade do homem. Isso não significa, porém, que se pode concluir que a liberdade humana anula a soberania de Deus sobre os atos humanos ou que Deus não pode preordenar o que é feito. Várias pessoas que estudam a matéria são sempre influenciadas por um liberalismo presente em nosso tempo, mas que já é bastante antigo no imaginário teológico.

Muito frequentemente há certa confusão em conjugar a ideia da liberdade com independência. Porque os homens são seres racionais e livres, eles são contados como seres que realizam suas vontades autonomamente. Para eles, liberdade é sinônimo de autonomia. Do contrário, não é liberdade. Não há quem lhes incline para um ato. Mesmo que uma pessoa seja inclinada para fazer algo, ela sempre poderá escolher de forma contrária, porque não existe liberdade sem a capacidade de escolha contrária, segundo os libertários.

A esse respeito Piper é enfático ao concluir que nada pode excluir a responsabilidade humana: “Portanto, não importa o que dizem os partidários da doutrina do livre-arbítrio, nem a presciência de Deus, nem sua preordenação de todas as coisas, inclusive todos os atos e

¹²⁴ PIPER, John. TAYLOR, Justin. *O Sofrimento e a Soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 42.

¹²⁵ PIPER, John. TAYLOR, Justin, 2008, p. 43.

escolhas humanas, excluem a responsabilidade humana”¹²⁶, A liberdade humana é matéria irrefutável na Bíblia, mas longe de ferir a soberania de Deus ou anular o menor de seus intentos.

Claro que não são todos que corroboram com essa sistemática teológica no que diz respeito ao decreto de Deus. Por exemplo: Carl E. Braaten e Robert W. Jenson quando tratam da questão do sofrimento são enfáticos em refutar a possibilidade de o sofrimento constar de um ato de Deus, pois isso afronta a liberdade do homem. A refutação deles está expressa assim:

Existem três respostas teológicas que geralmente são oferecidas, e as quais é preciso resistir de forma peremptória [...] Primeira: tudo o que Deus faz é certo e, por conseguinte, o sofrimento deve ser aceito sem queixa [...] Uma segunda resposta teológica inadequada afirma que o diabo causa os eventos específicos do sofrimento [...] Uma terceira resposta inadequada sugere que sofrimentos específicos são enviados por Deus a determinados indivíduos com propósito específicos: punição, educação, etc¹²⁷.

Carl E. Braaten e Robert W. Jenson oferecem como solução a posição arminiana com uma roupagem a que chamam de “metafísica da liberdade”¹²⁸. Contudo, eles mesmos elucidam quando dizem: “Deus oferece aquilo de que a liberdade precisa para ser liberdade, e parte do que é preciso é a consequência”¹²⁹.

Já Emil Brunner para coadunar os conceitos de um Deus Todo-poderoso e onisciente, mas que não afronta a liberdade humana oferece uma proposta que sofre muita resistência, inclusive a nossa:

Aqui não somos confrontados por problema intelectual, nem por paradoxo, mas pelo impenetrável mistério da ação divina da Onipotência, a ação do Deus Todo-poderoso, que limita-se a si mesmo, a fim de que possa produzir um espaço para sua criaturas, embora, porque Ele limita-se a Si mesmo, não deixa de ser o Senhor de tudo o que acontece¹³⁰.

¹²⁶ PIPER, John. TAYLOR, Justin, 2008. p. 45

¹²⁷ BRAATEN, Carl E. & JESSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. São Leopoldo/RS: IEPG/Sinodal, 2005, v.1, p.431,432.

¹²⁸ BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W., 2005, v.1. p. 432.

¹²⁹ BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W., 2005, v.1. p. 432.

¹³⁰ BRUNNER, 2006, v.2. p. 240.

A declaração de Brunner encontra eco no teísmo aberto¹³¹, mas não naqueles que creem na vontade soberana de Deus sobre todas as coisas, não há como permitir tão estranho conceito. Creemos na lei da causa e efeito, não por causa da lei em si mesma, mas porque Deus é a causa primeira de todos os fenômenos que acontecem neste universo. O universo é dEle porque foi Deus quem o criou e o sustenta. Mas também o universo é do homem porque Deus o colocou aqui e ordenou que cuidasse dele, como agente secundário na execução da sua vontade.

Em qualquer evento ou ação das criaturas neste mundo criado Deus sempre deve ser considerado como a causa primária e os seres racionais as causas secundárias. Não existe nenhum caso onde um ser humano ou angélico age independentemente de uma ação divina. Não existe nenhum ser autônomo, exceto Deus, porque este pode agir imediatamente em qualquer coisa, sem depender de ninguém.

Há algumas verdades que não podem ser esquecidas quando se estuda a relação entre Deus, a causa primária, e os seres racionais, como as causas secundárias.

- Todas as criaturas racionais agem espontaneamente, sem que sejam coagidas nas suas ações. Elas possuem um poder de ação e de decisão, todavia, não poderes autônomos.
- As criaturas são sempre instrumentos de Deus para a execução das obras dele. Portanto, as causas secundárias são sempre subordinadas à causa primária.
- Deus é sempre o energizador e o iniciador de uma ação nas criaturas. Estas sempre dependem dele para executarem uma ação, porque não há movimento da criatura que não seja iniciado por ela, todavia, não significa um movimento independente da ação primeira, Deus.

¹³¹ O Teísmo Aberto constitui-se num movimento que nasceu no evangelicalismo norte-americano, é uma corrente de pensamento que coloca em cheque um dos principais aspectos da fé cristã histórica. Esse arrazoado teológico-filosófico apresenta um “Deus” que, por amor, dotou o homem de completa autonomia e se abriu para novas experiências, dentre elas, a de conhecer progressivamente os acontecimentos históricos, à medida que eles se processam, colocando em cheque atributos divinos essenciais, tais como sua soberania, onisciência, providência e imutabilidade, dentre outros. “É crucial compreender que o teísmo aberto não é simplesmente outra batalha intramuros entre os evangélicos. Não é um debate sobre doutrinas de segunda categoria, minúcias ou assuntos periféricos. Ao contrário, é um debate sobre Deus e as características centrais da fé cristã”. “Como pastor que deseja fundamentar a vida e o ministério na Bíblia e que quer exaltar Cristo e ser eternamente útil ao meu povo, vejo o teísmo aberto como teologicamente nocivo, desonroso a Deus, depreciativo a Cristo e pastoralmente pernicioso”. PIPER, John; TAYLOR, Justin; HELSETH, Paul K. *Teísmo Aberto: Uma teologia além dos limites bíblicos*. São Paulo: Vida, 2001. p. 17,470.

- Quando Deus age nos seres humanos, ele o faz numa esfera em que eles não têm acesso, que é o próprio coração deles. As suas vontades sempre haverão de obedecer aos impulsos do coração deles, onde Deus trabalha.
- Tem-se que entender que o homem é aquilo que é o seu coração. Quando o homem age, ele está obedecendo aquilo que ele próprio é.
- Por essa razão, as criaturas, como as causas secundárias de uma ação, são sempre responsáveis pelo que fazem, porque elas nunca as fazem levadas ou inclinadas por coisas que não sejam delas próprias.

Com este entendimento, fica mais inteligível fazer distinção entre a primeira causa e as causas secundárias. As asseverações acima ajudam a explicar as relações entre a ação de Deus como causa primeira e as ações dos seres criados como causas secundárias. A causa secundária diz respeito "à força comunicada para as criaturas físicas. A causalidade primária refere-se ao poder causal exercido por Deus no curso dos eventos tangíveis e intangíveis. As causas secundárias realmente existem. Todavia, admite-se que nenhuma força é exercida neste mundo sem depender do poder da causa primária, que é Deus.

Paulo ensinou a respeito da relação entre as duas causas, a primária e a secundária. Ele disse que em Deus "vivemos, nos movemos e existimos"¹³². Os efeitos dessas duas causas neste mundo têm o seu movimento primeiro em Deus e, depois, no homem. Então, o resultado da ação cooperadora das duas causas aparece. Deus é a causa primeira e última de tudo o que acontece. Essa causa é independente. A causa secundária e derivada, é a dos seres criados, sendo dependente da primeira. Deus não é apenas uma causa, antes é a fonte de todas as causas e de todas as séries causais. Nenhuma causa precede ou está acima dEle. A ação do homem é porque Deus o move a agir. Deus é a causa primeira; os homens são a causa secundária, que resulta num ato ou evento neste mundo. Por isso pode-se dizer que todas as causas fora de Deus e sua causação não são meramente parciais, mas absolutamente condicionadas por Deus. Deus é o iniciador, ou a causa última de toda ação.

Não se pode esquecer que a criatura é também uma causa, ainda que secundária. A criatura é pressuposta por Deus. Sem Deus ela não poderia nem existir nem ser uma causa. Como uma causa secundária a criatura é tanto condicionada por outras causas assim como é condicionadora de outras coisas. Nessa matéria de primeira causa e causas secundárias têm

¹³² Bíblia Sagrada. At 17.28.

que ser resguardadas a soberania absoluta de Deus nos seus decretos e a nossa liberdade condicionada à nossa própria natureza.

Contudo, é preciso lembrar que o modo como essa relação entre a causa primária e as causas secundárias se processam estão além da compreensão da mente humana. Os teólogos chamam *concursum*, mas não se sabe com muita propriedade o *modus operandi* de Deus. Não é possível explicar o âmago dessa relação, mas ela é um fato que não se pode negar. Deus é soberano, o homem é livre. O decreto de Deus é cumprido à risca sem, contudo, a liberdade do homem ser violentada. De fato, conjugar esse entendimento constitui-se num mistério para a mente finita do homem.

Por causa dessa dificuldade é comum pessoas confundirem a doutrina da soberania de Deus com o fatalismo. O muçulmano, por exemplo, quando se depara com um acontecimento imprevisto costuma dizer “maktub”, que significa “está escrito”. O fatalismo diz: “o que tiver que ser será”. Há uma grande diferença entre dizer que Deus dirige a história para seus propósitos e dizer que o destino a dirige. O destino não tem sentimentos nem vontade, ele é cego, surdo e mudo. Nosso Deus tem sentimentos e propósitos, ele fala, ouve e age.

O rabino Harold Kushner chega a uma conclusão extremamente incoerente no seu livro campeão de vendas quando diz que afinal de contas Deus não é Todo-poderoso, visto que Ele gostaria de ajudar as pessoas em seus sofrimentos, contudo não pode resolver todos os problemas do mundo. Assim sumariza Kushner em sua tese: “Até Deus tem dificuldades em manter o caos sob controle”.¹³³ É uma pena uma conclusão tão contrária à crença judaica de um Deus Todo-poderoso. Semelhantemente não são poucos os cristãos que também fazem coro com Kushner no que diz respeito à impotência de Deus em resolver seus problemas.

¹³³ STROBEL, 2002, p. 48.

5 EM BUSCA DE UM ENTENDIMENTO

Não é fácil chegar a uma completa solução do problema do sofrimento humano. Dostoiewski expressou sua angústia com as seguintes palavras: “se me disserem que o sofrimento das crianças inocentes tem recompensa em um céu, não me convidem. Devolvo o ingresso já”¹³⁴. As palavras de Dostoiewski soam como uma afronta, mas o certo é que muitos aspectos da questão vão além da capacidade de argumentação. Sabe-se que não será possível esgotar o tema neste simples trabalho. Todavia, à luz do decreto de Deus e de sua providência, acredita-se que alguns dos pensamentos sugeridos aqui lancem luz sobre essa difícil questão relacionada ao sofrimento. As pessoas que têm dificuldade em conciliar fé e sofrimento fazem eco com o filósofo Epicuro e exprimem o dilema desta maneira: “Se Deus fosse bom, Ele desejaria fazer os homens felizes; e se Ele fosse Todo-poderoso, seria poderoso para fazer o que Ele desejou. Como suas criaturas são infelizes, Deus não deve possuir poder, nem bondade”. A isso cabem algumas considerações sobre as causas do sofrimento que certamente eram desconhecidas do filósofo, senão ignoradas.

Não se pode marchar na busca de um entendimento para a questão do sofrimento à margem do conceito de soberania de Deus. “A soberania de Deus é a pedra que tem sustentado muitos santos através dos séculos”¹³⁵. A Escritura ensina que a vontade de Deus determina todas as coisas. Nada existe ou acontece sem Deus, não meramente permitindo, mas ativamente desejando que exista ou aconteça. Eis um pequeno resumo nas palavras de Isaías do que as Escrituras dizem acerca da soberania de Deus e a confiança que gera naqueles que estão envoltos ao sofrimento: “Eu anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; Eu digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade”¹³⁶. Nada nem ninguém poderão impedir o propósito de Deus. O sofrimento não pode impedir a vontade de Deus, ao contrário, contribui para o seu comprimento. Novamente Isaías é enfático ao anunciar: “Ainda antes que houvesse dia, eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; agindo eu, quem o impedirá?”¹³⁷.

A Bíblia é sobeja em afirmar que Deus controla tudo o que existe e tudo o que acontece. Nas palavras de R.T. Kendall, a soberania de Deus “é o direito e o poder para fazer

¹³⁴ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* São Leopoldo/RS: Sinodal, 2007. p.191.

¹³⁵ KIZZIAR, Dennis. *Vencendo as Crises. Uma abordagem bíblica e objetiva diante das adversidades*. Brasília: Palavra, 2006. p. 51.

¹³⁶ Bíblia Sagrada. Isaías 46:10.

¹³⁷ Bíblia Sagrada. Isaías 43:13.

tudo o que lhe agrada com todo mundo a qualquer hora”¹³⁸. As palavras de Kendall ecoam nas páginas da Bíblia. O salmista expressa isso quando diz: “o nosso Deus está nos céus; ele faz tudo o que lhe apraz”¹³⁹. O decreto de Deus, fruto de sua sabedoria e soberania não permite outra constatação senão a de que não há nada que aconteça no mundo que Ele não tenha sido ativamente decretado. Mas qual a relação disso com o sofrimento? Ora, visto que isso é verdadeiro, segue-se que o sofrimento não é obra do acaso. Deus não o permitiu meramente, como se algo pudesse se originar e acontecer à parte de sua vontade e do seu poder. O mal e o sofrimento nunca poderiam ter começado sem o decreto ativo de Deus, e não poderiam continuar nem por um momento alheio à vontade de Deus. Deus fez constar o mal em seu decreto, embora essa teodiceia pareça inacessível à mente humana.

Todavia, aqueles que veem que é completamente impossível dissociar Deus da origem e continuação do mal, tentam distanciar Deus do mal dizendo que Deus meramente “permitiu” o mal, e que Ele não causou nada dele. Contudo, visto que a própria Escritura declara que Deus ativamente decretou tudo, e que nada pode acontecer longe de sua vontade e do Seu poder. Não faz sentido dizer que Deus meramente permite algo ou que tudo o que acontece é por mera permissão de Deus.

Como, então, o mal pode ser tramado e cometido em total independência de Ele? Como alguém pode ao menos pensar o sofrimento alheio à vontade e ao propósito de Deus? A propósito, ao invés de tentar “proteger” Deus de algo que Ele não precisa ser protegido, deveria-se reconhecer alegremente com a Bíblia que Deus decretou ativamente o mal e o sofrimento, e então, tratar o assunto sobre esta base. Assim sendo, quem reconhece a mão invisível de Deus quando no enfrentamento do problema ou do mal sabe que o Senhor acabará convergindo todas as circunstâncias para o bem de seus filhos e para o fim primeiro de todas as coisas, isto é, a glória de Deus.

Caso uma pessoa tenha dificuldade em aceitar que Deus decretou a existência do mal implica dizer que ele encontrou algo “errado” em Deus. Pensemos: Qual é o padrão de certo e errado pelo qual esta pessoa julga as ações de Deus? Se há um padrão moral superior a Deus pelo qual o próprio Deus é julgado, então, esse “Deus” não é Deus de forma alguma; antes, este padrão maior seria Deus. Contudo, o conceito cristão de Deus refere-se ao mais alto ser e padrão, assim, não há, por definição, nenhum mais alto. Em outras palavras, se há algo mais alto do que o “Deus” que uma pessoa está argumentando contra, então, esta pessoa não está realmente se referindo ao Deus dos cristãos. Visto que este é o caso, não há padrão mais alto

¹³⁸ KENDALL, R.T. *Esboços de Teologia, Doutrina e Sermões*. São Paulo: Candeia, 2007. p. 67.

¹³⁹ Bíblia Sagrada. Salmo 115:3

do que Deus, ao qual o próprio Deus seja responsável e pelo qual o próprio Deus seja julgado. Portanto, é logicamente impossível acusar Deus de fazer algo moralmente errado.

Visto que o próprio conceito e definição de bondade humana é derivada a partir de Deus, acusá-lo de maldade seria como dizer que o bom é mal, o que é uma contradição. Por outro lado, ignorar que o mal e o sofrimento estão alheios ao decreto de Deus é uma afronta à Palavra de Deus e ao invés de contribuir para atenuar os conflitos relativos à questão do sofrimento só se projeta mais angústia naqueles que sofrem. É oportuna a citação de Dennis Kizziar: “Um palestrante exortou-nos a ver a mão de Deus em tudo que nos ocorre. Tirem do seu vocabulário palavras como destino, azar, sorte. Lembrem-se, vocês são filhos do Rei, não filhos do acaso. Devemos aprender a, em tudo, vermos as mãos do Pai”¹⁴⁰. Deus é soberano e tem o direito e o poder de fazer tudo o que lhe agrada. Ele está no controle de tudo o que acontece e aconteceu, tanto com nações quanto com indivíduos. Pode-se e deve-se confiar que Deus fará as coisas bem, ainda que elas permaneçam inalcançáveis a nossa compreensão, dada a nossa finitude. Cabe recordar as palavras de Isaías:

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos¹⁴¹.

Langston ao tratar dos atributos de Deus especialmente a onipotência lança luz sobre o assunto quando apresenta duas formas de onipotência: “onipotência moral, que se refere a Ele próprio, e física, que se relaciona com a criação”. No que se refere à onipotência moral Langston expõe seu entendimento afirmando que “Deus é tão poderoso que não pode praticar o mal, nem sequer pode ser tentado”.¹⁴² Devido a sua onipotência moral Deus não pode praticar qualquer ato que discorde da sua natureza. Praticar o mal é carência de poder moral.

¹⁴⁰ KIZZIAR, 2006, p. 5.

¹⁴¹ Bíblia Sagrada. Isaías 55:8,9.

¹⁴² LANGSTON, A.B. *Esboços de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1999. p. 53.

6 CAUSAS DO SOFRIMENTO

Em seu livro “Como Encarar o Sofrimento” Alaid Schiavone Schimidt atribui a origem do sofrimento a Satanás e ao livre arbítrio do homem. “O mal se originou na rebelião dos anjos”, mas “teve seu início no jardim do édem” diz ela¹⁴³. Não entendemos assim. A origem do mal e do sofrimento está no decreto e na providência de Deus, contudo as causas do sofrimento é que parecem causar espanto. Paul Helm disse que “o fato de que nós não conhecermos a razão pela qual Deus permite o mal não deve nos fazer pensar que não haja razão”¹⁴⁴. Isso não pode ser entendido, por um lado, como sendo causado pelo próprio Deus e, por outro, como sendo obra de Satanás. Essa aparente luta entre o bem e o mal parece favorecer a corrente religiosa dualista. Novamente Gerstenberger ajuda a elucidar esse questionamento quando reitera que mesmo quando o diabo está agindo para afligir sofrimento, Deus está agindo para que, por meio do sofrimento, a vontade do Senhor seja cumprida e a ação maligna torne-se apenas um instrumento de Deus.¹⁴⁵

Deus pode ser o causador do sofrimento? Nas palavras de Charles Stanley “eis uma sentença difícil de escrever, e ainda mais difícil de ser aceita”¹⁴⁶. A seguir, dois textos elucidam este assunto:

E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus¹⁴⁷.

A indagação dos discípulos suscitava uma dúvida: O sofrimento era castigo divino? Ao responder aos discípulos Jesus também desfaz um erro teológico da época, mas que ecoa ainda nos dias atuais. A resposta de Jesus vai alargar as fronteiras dos discípulos para a compreensão da dor, pois a expressão “para que” denota propósito, isto é, a dor daquele homem tinha propósito. Não será esse um princípio de que toda dor tem um propósito estabelecido por Deus? Os discípulos viam a cegueira daquele homem como resultado do pecado dele ou de seus pais, mas Jesus vai lançar luzes sobre algo mais profundo. A cegueira daquele homem não era de causa aparente, mas parecia vir do próprio Deus. Na resposta de

¹⁴³ SCHIMIDT, Alaid Schiavone. *Como Encarar o Sofrimento: As cosmovisões existentes e a teologia do controle de Deus*. São Paulo: Arte Editorial, 2008. p. 99.

¹⁴⁴ HELM, 2007, p. 180.

¹⁴⁵ GERSTENBERGER, 2007, p.186,187.

¹⁴⁶ STANLEY, Charles. *Como lidar Com o Sofrimento*. Belo Horizonte: Betânia, 1995. p. 12.

¹⁴⁷ Bíblia Sagrada. Jo 9:1-3.

Jesus há uma constatação: A cegueira do homem não era fruto do seu pecado, nem tampouco de seus pais.

Mas, o caso desse cego não é único. Assim, pode-se observar a experiência de Paulo “E, para que me não exaltasse demais pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de que eu não me exalte demais”¹⁴⁸. Este texto é extremamente elucidativo, pois se vê com clareza que a ideia, o propósito do sofrimento nesse particular na vida de Paulo veio de Deus, contudo o meio foi o próprio Satanás. Embora para muitos a ideia de Deus ser o idealizador do sofrimento causa perplexidade, mas a Bíblia favorece essa constatação. Ambos os textos têm algo em comum: propósitos bem definidos. Alaid Schiavone Schimidt condensa o entendimento de uma da teologia que assevera que “Deus não quer o sofrimento de nenhuma de suas criaturas, mas ele permite o sofrimento mediante propósitos definidos em sua presciência”¹⁴⁹. Ela usa o conceito de presciência e não o de providência. A providência reza que o sofrimento não é obra do acaso. Satanás não idealizou o mal alheio à soberania de Deus. Por certo, as causas são variáveis, mas um só está na direção e controle do sofrimento: Deus. Dentre os vários livros e teologias sistemáticas que fazem parte do acervo desta pesquisa algumas causas consideradas do sofrimento são comuns, quais sejam:

6.1 Nossa própria culpa

Parece paradoxal falar de própria culpa e ao mesmo tempo defender a existência do mal como constante do decreto de Deus. Contudo, não é paradoxal ou mesmo contraditório, pois segundo Thiessen é a “autodeterminada revolta da criatura contra a vontade e o mandamento de Deus, permitida por Deus, que leva o homem a agir conforme bem entender. Às vezes Deus impede o que o homem, em sua liberdade, poderia vir a fazer. Entretanto, sempre a vontade de Deus prevalece sobre o homem”¹⁵⁰.

Conjugando os conceitos de Thiessen pode-se afirmar que com muita frequência a gente é responsável pelo próprio sofrimento, porque não se ajusta às leis naturais estabelecidas pelo próprio Deus ou às que se relacionam com o próximo. A despeito de Carl

¹⁴⁸ Bíblia Sagrada. II Coríntios 12:7.

¹⁴⁹ SCHIMIDT, 2008, p. 103.

¹⁵⁰ THIESSEN, 2006, p. 101.

achar que “a conexão entre sofrimento e pecado parece inadequada”¹⁵¹, o que para nós parece muito estranho e escapa a uma visão holística da Bíblia, as Escrituras são sobejas em apresentar o pecado como sendo e sempre será causa de miséria e sofrimento. Nesse particular, entender o sofrimento como resultado do erro e pecado não é nada fácil, mas ainda que fosse fácil de compreender é muito mais difícil suportar.

Ainda hoje se vê, na vida de indivíduos e nações, cumprir-se a lei irrefutável da sementeira, isto é, a inexorável lei de causa e efeito: “tudo que o homem semear, isso também ceifará”¹⁵². Aos primeiros pais o pecado da desobediência custou nada menos do que a expulsão de seu lar edênico e como bem disse Luiz Waldvogel o pecado continua marcando vidas com o sofrimento:

É assim que vagam pelo mundo legiões de criaturas que devem a sua desdita ao próprio pecado, por elas mesmas cultivado com zelo digno de melhor causa. E há cegos, e surdos-mudos, e coxos, e paralíticos, e tuberculosos, e morféticos, e sífilicos, e cardíacos, e cancerosos, e sofredores de toda gama de padecimentos, que ao pecado deles mesmos devem todas as suas dores¹⁵³.

Ter-se-á muita dificuldade em resolver o problema do sofrimento, se não se dispor a reconhecer sinceramente que grande parte dos males e sofrimentos da vida, muitas decepções e amarguras teriam sido poupadas, a nós e aos demais, se tivesse sido outra a conduta. Peca-se e por isso se sofre, mas até esses pecados estão registrados no propósito de Deus para as vidas humanas. Assim entendeu o salmista quando disse: “Os teus olhos viram a minha substância ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, sim, todos os dias que foram ordenados para mim, quando ainda não havia nem um deles”¹⁵⁴.

6.2 Calamidades naturais

No âmbito do decreto e da providência de Deus, o Senhor estabeleceu um conjunto de leis naturais que haveriam de reger o mundo. Essas balizas naturais quando violadas, seja por ignorância ou deliberadamente, causam sofrimento. Construir uma casa com alicerces comprometidos é prenúncio de sofrimento. Ignorar algumas leis de segurança certamente compromete a saúde e conseqüentemente o sofrimento aparecerá. Mas se tudo consta do

¹⁵¹ BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W., 2005. v.1. p. 435.

¹⁵² Bíblia Sagrada. Gálatas 6:7.

¹⁵³ WALDVOGEL, Luiz. *Por Que Tanta Gente Sofre?* Belo Horizonte/MG: Betânia, 1983. p.8.

¹⁵⁴ Bíblia Sagrada. Salmo 139:16

decreto de Deus e tudo será executado por meio de sua providência, por que Deus permite terremotos, tornados, ciclones, tsunamis, furacões, deslizamentos e outros desastres naturais?

O tsunami ocorrido no final de 2004 na Ásia, o furacão Katrina em 2005 na região sudeste dos EUA e os deslizamentos de 2006 nas Filipinas fizeram com que muitas pessoas questionassem a bondade de Deus. É, no mínimo, angustiante quando pessoas se referem a desastres naturais como "atos de Deus". O que muitos esquecem é que a maioria dos desastres naturais são o resultado da inobservância das leis naturais. Ciclones, furacões e tornados são resultados do estado atmosférico afetado pelo descontrole humano em busca de riqueza. Terremotos são o resultado da estrutura da base da terra se deslocando. Um tsunami é causado por um terremoto debaixo d'água. Ainda que absolutamente sob o controle de Deus o sofrimento também pode ser causado por essas calamidades. Estes estão além de nosso controle, mas no controle do Altíssimo. Observe o que diz Jesus: "Ou cuidais que aqueles dezoito", explicou Jesus, "sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou, eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, Eu vo-lo afirmo"¹⁵⁵. Os judeus eram inclinados a acreditar que a boa sorte vinha automaticamente para justos, e o sofrimento era sinal de pecado. Segundo Tom Carter este texto elucida dois conceitos errados nos dias de Jesus, mas que continuam ecoando em pleno século 21. Primeiro, não se pode julgar pessoas pelo sofrimento que elas estão enfrentando. Segundo, não se mensura a espiritualidade das pessoas pelo grau de conforto que elas desfrutam¹⁵⁶. "Se o sofrimento incomum sempre remetesse a pecado grave, Jesus teria sido o pior pecador da história"¹⁵⁷.

Da mesma forma que Deus permite que pessoas más cometam atos de maldade, Deus permite que a natureza demonstre as consequências do pecado. Há um texto bíblico que demonstra claramente esta verdade:

A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus¹⁵⁸.

A degradação da humanidade por causa do pecado e do distanciamento de Deus afetou não só as relações sociais, mas a própria natureza sentiu e sente os efeitos. Isso também consta do decreto de Deus.

¹⁵⁵ Bíblia Sagrada. Lucas 13:4, 5.

¹⁵⁶ CARTER, Tom. *13 Perguntas Cruciais Que Jesus Quer Fazer A você*. São Paulo: Vida, 1999. p. 96.

¹⁵⁷ CARTER, 1999, p.102.

¹⁵⁸ Bíblia Sagrada. Romanos 8:19-21

6.3 Forças demoníacas

As forças demoníacas também são responsabilizadas pelo sofrimento humano. No livro de Apocalipse há uma indicação contundente sobre isso. “não tenha medo do que você está prestes a sofrer. O Diabo lançará alguns de vocês na prisão para prová-los, e vocês sofrerão perseguição durante dez dias”¹⁵⁹. O envolvimento de Satanás com o sofrimento não ficou só no jardim do Éden ele ainda está vivo e atuante no planeta terra. Vários textos das Sagradas Escrituras servem para apontar para Satanás, o instigador do mal. Por certo, Satanás tem papel fundamental no sofrimento humano, mas em hipótese alguma isso pegou Deus de surpresa.

O caso clássico que ilustra essa verdade pode ser visto na vida de Jó. Nos primeiros dois capítulos do livro têm-se essas verdades: A permissão para o sofrimento de Jó veio da parte de Deus. Contudo, o agente implementador do seu sofrimento veio de Satanás. Satanás opera por meio de elementos naturais. A prova disso é que quando recebeu autorização para afligir Jó Satanás usou elementos da natureza e pessoas para tentar destruir àquele que Deus mesmo elogiou.

À luz do livro de 1 Pedro pode-se inferir que o diabo ronda pessoas à procura de ocasião para causar sofrimento¹⁶⁰. O Novo Testamento retrata bem essa verdade quando aponta para satanás em pessoa agindo e causando sofrimento. A “ronda” de Satanás é a procura de “fraquezas de caráter como o de nossos adquiridos defeitos de atitudes e comportamentos que dão testemunho de relacionamentos e falhas do nosso passado”.¹⁶¹ À medida que o diabo encontra estas frestas, ele mesmo encontra ocasião para infligir sofrimento.

Em Lucas é narrada a história de uma mulher que por dezoito anos foi acometida de uma enfermidade cuja causa era um demônio¹⁶². O diabo causa sofrimento. Ele aprisiona. Contudo, há, uma notável diferença entre permitir o sofrimento e infligi-lo, e isso afeta a nossa relação com Deus por pelo menos algumas razões: Primeira, que nenhum sofrimento nos sobrevém sem autorização do nosso Deus e se há autorização, também, por certo, tem propósitos divinos. Segunda, satanás é o agente mais interessado em causar males e o pecado

¹⁵⁹ Bíblia Sagrada. Apocalipse 2:10.

¹⁶⁰ Bíblia Sagrada. I Pedro 5:8,9.

¹⁶¹ PACKER, James I. NYSTROM, Carolyn. *Nunca Perca a Esperança*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p.16.

¹⁶² Bíblia Sagrada. Lucas 13:10-17.

é a porta de entrada para esse agente do mal. Logo, odiar o pecado e reconhecer que satanás se interessa muito por nos causar dor deve nos levar para mais perto do Senhor. Terceiro, como bem observa Gerstenberger o sofrimento causado pelo Diabo tem tempo limitado de “dez dias”, “dezoito anos”. “O próprio Deus continua, apesar das intrigas do Diabo, com as rédeas da história em suas mãos e continua seguindo seu próprio plano”¹⁶³. Contudo, segundo o Dr. James Dobson “o grande perigo para as pessoas que passaram por esse tipo de tragédia é que Satanás usará o sofrimento delas para que se sintam vitimadas por Deus”¹⁶⁴. De fato, esse perigo é real.

6.4 Desejos maus

A doutrina budista relativa ao sofrimento é baseada nas chamadas "Quatro Verdades Nobres", sendo que duas se referem aos desejos, quais sejam:

- O sofrimento é causado pelo desejo;
- Eliminar o sofrimento é descartar o desejo.

Neste particular, o budismo acerta quanto ao diagnóstico, mas não quanto ao antídoto. Grande parte do sofrimento é causado pelos desejos nocivos de uma vida marcada pela desenfreada expectativa de embriagar a alma.

Em sua Epístola Tiago traz uma palavra a esse respeito:

Donde vêm as guerras e contendas entre vós? Porventura não vêm disto, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam? Cobiçais e nada tendes; logo matais. Invejais, e não podeis alcançar; logo combateis e fazeis guerras. Nada tendes, porque não pedis. Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites¹⁶⁵.

Comentando este texto Hernandes Dias Lopes diz que “a fonte de todas as guerras está dentro de nosso coração”¹⁶⁶. Desejos maus são uma realidade. Eles certamente existem e são causadores de muitos males. Os desejos revelam os movimentos da vida, pois como bem disse Agostinho Guillerand “nossos desejos nos definem: somos mais ou menos o que desejamos”.

¹⁶³ GERSTENBERGER, Erhard S. SCHRAGE, Wolfgang. *Por Que Sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*. 3ª Ed. São Leopoldo/RS: Sinodal/EST/Cebi, 2007. p. 185.

¹⁶⁴ DOBSON, James. *Quando Deus Não Faz Sentido*. São Paulo: Bompastor, 2000. p. 27.

¹⁶⁵ Tiago 4:1-3.

¹⁶⁶ LOPES, Hernandes Dias. *Tiago: Transformando provas em triunfo*. São Paulo; Hagnos, 2006. p. 84.

Deus muitas vezes nos deixa avançar em desejos que em nada servirão, senão para demonstrar pequenez quanto aos ideais que só conduzirão a infames tribulações. Os desejos podem revelar a corrupção de nossos corações e conseqüentemente nos expor a perigos e sofrimentos. “O nosso coração é o laboratório onde as guerras são criadas, a estufa onde elas germinam e crescem, o campo onde elas dão o seu fruto maldito”¹⁶⁷.

As Causas do sofrimento são variadas e, por certo, o assunto não foi esgotado. Seja qual for a causa do sofrimento concorda-se com o que diz John Flavel:

o sapientíssimo Deus está providencialmente guiando tudo ao porto do seu louvor e à felicidade do seu povo, mesmo quando o mundo todo está muito ocupado em manobrar as velas e manejar os remos em sentido oposto. Quão grande prazer é ver como o mundo realiza os propósitos de Deus mesmo opondo-se a eles¹⁶⁸.

As causas do sofrimento são variadas, mas o propósito de Deus é único!

¹⁶⁷ LOPES, 2006, p.85.

¹⁶⁸ FLAVEL, John. *Se Deus Quiser*. São Paulo: PES, 1987. p.7.

7 O PROPÓSITO DIVINO ACERCA DO SOFRIMENTO

À semelhança do ferreiro que tem um bom propósito para colocar o ferro no fogo e depois de amolecido na bigorna formar algo bom sem que nenhuma faísca seja sem propósito, a dor e o sofrimento podem ser a manifestação da bondade de Deus em forma de advertência para livrar de desastres morais e com consequências eternas. Deus não desperdiça sofrimento. A resposta aos propósitos de Deus quanto ao problema do mal sob a ótica da teologia reformada e parte do entendimento da teologia chamada arminiana podem ser sumarizados em quatro premissas:

- Deus tem um bom propósito para tudo;
- Nenhum sofrimento é em vão;
- Parte do mal é produto do bem;
- Deus é capaz de tirar coisas boas do mal.

Em um de seus livros o Pastor Lécio Dornas ao abordar o sofrimento na vida de Jó apresenta quatro terríveis dores experimentadas por ele: material, física, emocional ou afetiva e espiritual¹⁶⁹. Apesar do próprio Deus fazer questão de dizer duas vezes que Jó “cumprira as regras” seu sofrimento não foi impedido. Não apenas no caso específico de Jó, cremos que: Deus tem um bom propósito para tudo; Nenhum sofrimento é em vão; Parte do mal é produto do bem; Deus é capaz de tirar coisas boas do mal.

O que não parece muito fácil de entender é que Deus não precisa pedir licença ao homem para agir. Agir sem ser instado por nenhuma causa primária ou secundária é uma prerrogativa divina. Sendo assim, por que Deus permite o sofrimento? Nenhum mal é bom, mas serve a um propósito. O fato de o homem ser finito e não enxergar o bem em situações adversas e conflitantes, não significa que Deus não esteja agindo e produzindo o bem a partir do mal aos nossos olhos. A incapacidade humana de ver propósitos no mal que sobrevém apenas revela a limitação e por que não dizer incapacidade do homem de enxergar Deus, mesmo nos piores momentos. O fato é que segundo a Palavra de Deus há propósitos no sofrimento. Nas palavras de C.S. Lewis “a dor é o megafone de Deus”¹⁷⁰ para advertir uma sociedade moralmente surda e uma igreja amoldada a este sistema.

À luz dessa compreensão pretende-se apresentar como essas premissas podem ser verdade naqueles que estão sofrendo, assim como foi na vida de Jó. Parafraseando Feinberg

¹⁶⁹ DORNAS, Lécio. *Ganhe Com Perdas*. Rio de Janeiro: MK, 2003. p. 11-12.

¹⁷⁰ LEWIS, C. S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Vida, 2001. p.105,106.

ouso dizer que boa parte dos conflitos pessoais e o agravamento da relação com Deus se devem à busca em tentar compreender como Deus age, especialmente em tempos de dor. Contudo, o grande exercício não é tentar entender Deus na hora do sofrimento, mas enxergar os benefícios da dor.

Em outras palavras, a pergunta não é por que Deus permite que soframos, mas quais os propósitos santos e sábios que o levaram a decretar esse sofrimento e mover sua execução? Com muita propriedade Feinberg trata num capítulo do seu livro “como não ajudar os aflitos”. Ele apresenta um alerta aos aspirantes a consoladores. Eis algumas coisas que consideramos, a partir do entendimento de Feinberg, inadequadas para serem ditas àqueles que estão sofrendo e ainda não enxergaram os porquês da dor¹⁷¹:

“Você deve ter cometido pecado”, caso contrário não estaria sofrendo. Deve ter sido duro para Jó ouvir isso. Contudo, essa prática tem sido recorrente entre aqueles que querem levar consolo. Como no caso de Jó, nem sempre o sofrimento é causado por pecado praticado pela pessoa que está sofrendo. É preciso ter cuidado em não enxergar pecado em todo sofrimento;

“Enfocar a perda de coisas em vez de perdas relacionadas à pessoa do ser humano”. Lembrei-me do acontecido com um velho amigo ao tomar conhecimento que seu filho havia caído de sua moto novinha a pergunta quase que instantânea foi: “como está a moto? Estragou muito?” Lamentavelmente pessoas têm sido preteridas. Coisas têm sido mais importantes do que pessoas. Os dias atuais são marcados por uma incoerência: “coisificamos gente” e “personificamos coisas”;

“Isto provavelmente poupou você de problemas maiores”. Como dizer para uma mãe que acabou de perder seu filho de forma trágica que isso a privou de coisas piores? Este tipo de “consolo” faz recair sobre a pessoa uma angústia ainda mais cruel do que a que já está sofrendo;

“Sei como você se sente”. O problema com este tipo de tentativa de consolo é que ele gera um problema duplo. De um lado a afirmação não é verdadeira e ela soa falsa. Mesmo que algo semelhante nos tenha acontecido, as pessoas são diferentes;

“Deus sabe todas as coisas”. Ele sabe, mas o homem não. Tentar inculcar numa pessoa que está em extremo desespero conceitos teológicos de muita profundidade é no mínimo incoerente. Não se trata uma questão emocional como se fosse apenas de cunho intelectual;

¹⁷¹ FEINBERG, John. *Apesar do Sofrimento. Quando Parece que Deus nos enganou*. São Paulo: Ecclesia, 1998. p. 31-48.

“Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus”. Receber um golpe doloroso e abrir a boca em júbilo parece uma afronta ao bom senso. Na hora da dor isso não conforta, maltrata. A ordem de Paulo é verdadeira e um dia o júbilo virá à boca daquele que foi acometido pela dor, mas isso pode demorar alguns dias, meses, quem sabe até alguns anos.

Mas, há algo bom no sofrimento? Em se tratando de Deus é absolutamente impossível identificar com razoável endosso de referenciais teóricos e bíblicos todas as razões e motivos que levam Deus a decretar o sofrimento. Considerando o que disse Waldvogel que “Deus se serve das duras contingências da vida humana para ensinar aos homens grandes lições”¹⁷², nos aventuramos a considerar algumas razões por que Deus permite o sofrimento, pois como bem disse Ron Dun “o sofrimento nos prepara para a revelação de Deus”¹⁷³. O sofrimento é a estrada que Deus pavimenta para chegar as nossas vidas e firmar o seu propósito. O sofrimento é tão inevitável quanto crescer e morrer. Mais cedo ou mais tarde ele chega e não polpa ninguém, por mais e poderoso que seja. Faz-se oportunas as palavras de Jerry Sittser: “devemos orar pelos bons efeitos produzidos pelo sofrimento, todos recebidos pela graça de Deus. Se existir outra maneira, que assim seja. Se não, que venha o sofrimento”¹⁷⁴. Que bons efeitos podem produzir o sofrimento? Para que serve o sofrimento?

7.1 Para pôr à prova o caráter

Com muita propriedade John Wenham expressou uma grande verdade ao dizer que este mundo “é o vale onde se forja o caráter”¹⁷⁵. O sofrimento desempenha papel fundamental nesse processo de formação de caráter. A esse respeito Ray Pritchard acertou quando disse: “A maneira como um homem reage em momentos de crise revela muito do seu caráter”¹⁷⁶. Esta é uma razão por que Deus permite com que causas secundárias possam causar-nos sofrimentos. Reportamo-nos, mais uma vez, ao exemplo de Jó. A despeito de todas as calamidades que sobrevieram a Jó serem maquinadas por Satanás, Deus as permitiu para provar a fidelidade do seu servo. Os malaios do sul da Índia têm um provérbio que diz:

¹⁷² Waldvogel, 1983, p.11.

¹⁷³ DUNN, Ron. *Por Que Deus Não Me Cura?* São Paulo: Mundo Cristão, 1999. p. 207.

¹⁷⁴ SITTSER, Jerry. *Quando Deus Não Responde À Sua Oração*. São Paulo: Vida, 2006. p.144.

¹⁷⁵ WENHAM, John W. *O Enigma do mal. Podemos Crer na Bondade de Deus?* São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 83.

¹⁷⁶ PRITCHARD, Ray. *Creia Sempre. Experimentando a presença de Deus em todos os momentos*. São Paulo: Vida, 2000. p. 89.

“Aquele que nasceu no fogo não definhará no sol”¹⁷⁷. Se Deus nos faz muitas vezes nascer no fogo da adversidade pode-se, por certo, acreditar que Ele não permitirá que sucumbamos na fornalha da aflição. Assim, como os diamantes são formados sob pressão, o mesmo acontece com o caráter. Sem dor não há aperfeiçoamento. Esta é a constatação de Paulo escrevendo aos Romanos quando diz:

E não somente isso, mas também gloriemo-nos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a perseverança, e a perseverança a experiência, e a experiência a esperança; e a esperança não desaponta, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado¹⁷⁸.

Neste texto, Paulo afirma que o sofrimento é um meio que Deus usa para aperfeiçoar o caráter dos cristãos. Na Nova Versão Internacional da Bíblia a palavra “experiência” é traduzida como “caráter provado”¹⁷⁹. Assim, o texto bíblico afirma que os sofrimentos produzem um caráter aprovado. A ideia é a de alguém que foi testado e saiu vitorioso no teste, tendo desenvolvido um caráter amadurecido pelos sofrimentos.

Nesta mesma direção, depois de ter o caráter provado o patriarca Jó, por meio dos sofrimentos que lhe sobrevieram, conseguiu calar o próprio Satanás, sua mulher e seus amigos. Contudo o mais surpreendente é a sua própria constatação do que significou ter perdido suas riquezas, filhos, saúde, amigos, e reputação:

Então respondeu Jó ao Senhor: Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido. Quem é este que sem conhecimento obscurece o conselho? por isso falei do que não entendia; coisas que para mim eram demasiado maravilhosas, e que eu não conhecia. Ouve, pois, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me responderas. Com os ouvidos eu ouvira falar de ti; mas agora te veem os meus olhos. Pelo que me abomino, e me arrependo no pó e na cinza¹⁸⁰.

A maior de todas as bênçãos de Deus sobre a vida de Jó não foi duplicar sua riqueza, mas aperfeiçoar o seu caráter como ele mesmo diz: “Com os ouvidos eu ouvira falar de ti; mas agora te veem os meus olhos”. Como disse Marcelo Aguiar “Deus não quis recompensar Jó, Deus quis abençoar Jó”¹⁸¹. Mike Wells diz que “o sofrimento torna alguns amargos e outros doces. O que importa não é o que nos acontece, mas o que fazemos com o que nos aconteceu”¹⁸². Em várias circunstâncias da vida não podemos sequer imaginar o que irá nos

¹⁷⁷ JONES, Stanley. *Cristo e o Sofrimento Humano*. São Paulo: Vida, 2006. p. 132

¹⁷⁸ Bíblia Sagrada. Romanos 5:3-5.

¹⁷⁹ Bíblia de Estudos NVI. São Paulo: Vida. 2003.

¹⁸⁰ Bíblia Sagrada. Jó 42:1-6.

¹⁸¹ AGUIAR, Marcelo. *O Enigma de Jó: Por que o justo sofre?* Belo Horizonte/MG: Betânia, 2005. p. 117.

¹⁸² WELLS, Mike. *Problemas, Presença de Deus e Oração. Como sentir o amor de Deus em meio as aflições da vida*. São Paulo: Abba Press, 2001. p. 152.

acontecer, mas podemos que crer, no mínimo, que Deus está “forjando nosso caráter na bigorna das duras experiências que enfrentamos”¹⁸³.

7.2 Para ajudar os outros em situações assemelhadas

Jon Sobrino ao tratar da teodiceia faz a seguinte pergunta: “o sofrimento do outro nos faz sofrer?”¹⁸⁴. Ninguém consegue entender a dor do próximo tão bem como aquele que sofreu algo igual ou semelhante.

O texto bíblico abaixo expressa de maneira magistral essa verdade:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, pela consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus. Porque, como as aflições de Cristo transbordam para conosco, assim também por meio de Cristo transborda a nossa consolação. Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; ou, se somos consolados, para vossa consolação é a qual se opera suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos; e a nossa esperança acerca de vós é firme, sabendo que, como sois participantes das aflições, assim o sereis também da consolação¹⁸⁵.

Este texto ensina algumas verdades preciosas acerca do sofrimento. Primeira, é que não há sofrimento que não possa ser alvo da misericórdia de Deus. Deus é chamado pelo o Apóstolo de “Pai das Misericórdias” e “Deus de toda consolação”. Segunda, é que Deus não escolhe o nível de tribulação para consolar. Ele nos consola “em toda a tribulação”. Terceira, Deus espera que nós possamos consolar as pessoas que estejam sofrendo dores semelhantes às que sofremos. Quarta, quando sofremos Deus já tem em mente alguém que será abençoado com o nosso testemunho do consolo de Deus.

O sofrimento é uma excelente escola, onde se aprende a consolar e confortar as pessoas da mesma maneira como Deus o consolou. Nunca se aprenderá a confortar pessoas a menos que se passe pelo sofrimento e receba o conforto divino.

Como recebemos a capacidade de consolar, temos de aprender a glorificar a Cristo, porque toda a nossa capacidade de confortar é transbordada por meio de Cristo. O nível de sofrimento e consolo que obtivemos da parte de Deus nos possibilita a compreender melhor aqueles que enfrentam níveis assemelhados de sofrimento. Há uma maior e melhor

¹⁸³ FOSTER, George. *Paz Interior Em Tempos de Crise*. Belo Horizonte/BH: Betânia, 2004. p. 20.

¹⁸⁴ SOBRINO, 2007, p. 193.

¹⁸⁵ Bíblia Sagrada. II Coríntios 1:3-7.

identificação quando nossa tribulação se assemelha com a do próximo. Também é verdade que o consolo que recebemos nos ajuda a consolar os que estiverem em alguma tribulação, pela consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus.

7.3 Para ensinar acerca da obediência

Um letreiro na parede de uma sala de aula de ensino fundamental dizia: “A vida é a professora mais implacável. Primeiro dá a prova e depois a lição”¹⁸⁶. Esta verdade parece ter sido experimentada pelo salmista quando diz: “Antes de ser afligido, eu me extraviava; mas agora guardo a tua palavra. Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos”¹⁸⁷. O sofrimento é um grande mestre. Nesta mesma direção no livro de Hebreus há alguns textos que remetem a níveis agudos de reflexão. São eles:

Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas, e por meio de quem tudo existe, em trazendo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse pelos sofrimentos o autor da salvação deles. [...] Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo. [...] Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados [...] ainda que era Filho, aprendeu a obediência por meio daquilo que sofreu; [...] e, tendo sido aperfeiçoado, veio a ser autor de eterna salvação para todos os que lhe obedecem¹⁸⁸.

Se o próprio Jesus teve que aprender a obedecer pelas coisas que sofreu, tendo de experimentar o sofrimento e a tentação para poder socorrer os que são tentados, quanto mais nós temos de aprender na escola do sofrimento a obedecer a Deus. Certamente Jesus tinha disposição para a obediência desde o princípio. Todavia, como observa William Fitch “foi na escola do sofrimento que Ele aprendeu a prática da obediência. Através de um longo curso de provação e sofrimento Ele aprendeu a obediência”¹⁸⁹.

Contada por Charles Stanley, um pequeno conto fala de um fazendeiro que tinha uma mula à venda. Ele afirmava que aquela mula obedeceria a qualquer ordem que lhe fosse dada. Um possível cliente estava um tanto desconfiado de sua afirmação, e decidiu colocar o fazendeiro e a mula à prova. E assim disse à mula: “sente-se”. Mas a mula ficou lá parada. “Sente-se”, gritou o cliente. Porém, nada aconteceu. Então, se voltou para o fazendeiro e lhe

¹⁸⁶ MACARTHUR, John, Jr. *O Poder do Sofrimento: O propósito das provações na vida do crente*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 115.

¹⁸⁷ Bíblia Sagrada. Salmo 119:67,71.

¹⁸⁸ Bíblia Sagrada. Hebreus 2:10,17,18; 5:8,9.

¹⁸⁹ FITCH, William. *Deus e o Mal*. São Paulo: PES, 1984. p. 60.

disse: “você afirmou que esta mula faria tudo o que lhe dissessem, mas não consigo nem mesmo fazer com que ela se sente. O fazendeiro apenas sorriu. A seguir, abaixou-se e apanhou uma régua de medir madeira, andou até a mula e deu com ela na cabeça da mula. “Senta”, mandou ele. E a mula sentou-se imediatamente. Voltando-se ao surpreso cliente, explicou: “Primeiro você precisa obter a atenção dela”.¹⁹⁰

É possível que alguns de nós sejamos como essa mula. Às vezes, Deus permite que adversidades cheguem às nossas vidas para conseguir a nossa atenção. Mas, às vezes, também são as adversidades que nos conduzem a uma vida de obediência.

7.4 Para provar o valor da fé

O sofrimento é um meio que Deus usa para fazer o cristão crescer na sua fé. O texto bíblico abaixo explicita essa verdade:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada nos céus para vós, que pelo poder de Deus sois guardados, mediante a fé, para a salvação que está preparada para se revelar no último tempo; na qual exultais, ainda que agora por um pouco de tempo, sendo necessário, estejais contristados por várias provações, para que a prova da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, embora provado pelo fogo, redunde para louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; a quem, sem o terdes visto, amais; no qual, sem agora o verdes, mas crendo, exultais com gozo inefável e cheio de glória, alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas.¹⁹¹

O Apóstolo Pedro diz que o sofrimento é comparado à ação do fogo. Ser queimado não parece ser o divertimento predileto das pessoas, mas a partir da compreensão da ação múltipla do fogo pode-se compreender que Pedro estava se referindo ao sofrimento. O fogo destrói, consome, aniquila, mas fogo constitui-se num elemento purificador. O fogo põe à prova o ouro. Da mesma forma o processo de confirmação da vida em fé é comparado ao processo da depuração do ouro pelo fogo. “O ouro, mesmo o mais puro, simplesmente não passa na prova da eternidade. Mas a nossa fé passa”¹⁹².

O sofrimento é para nos provar e não para nos destruir. É o cadinho onde o metal é purificado. O fogo só destrói a escória, enquanto purifica mais o metal. É esta a imagem que

¹⁹⁰ STANLEY, Charles. *A Arte de Superar Problemas. Uma solução espiritual para vencer as grandes adversidades da vida*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007. p. 93.

¹⁹¹ Bíblia Sagrada. I Pedro 1.6-7.

¹⁹² MACARTHUR, John, Jr. *O Poder do Sofrimento: O propósito das provações na vida do crente*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 120.

vem à mente do salmista quando diz: “Pois tu, ó Deus, nos provaste; tu nos afinaste como se afina a prata”¹⁹³. À semelhança de um forno para fundição de minérios, no qual o metal era derretido para ser purgado dos elementos estranhos, Deus por meio do sofrimento realiza a mesma purificação em algumas pessoas.

7.5 Para conduzir à dependência de Deus

E, para que não me exaltasse pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de não me exaltar. Acerca do qual três vezes orei ao Senhor para que se desviasse de mim. E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte¹⁹⁴.

Paulo é o Apóstolo que mais fala da graça de Deus no Novo Testamento. Isso não acontece por acaso, visto que também foi um dos que mais experimentou a graça de Deus. De perseguidor se tornou perseguido, pela fé que antes perseguia. Foi no momento das lutas, das privações, das tribulações, das perdas, que Paulo mais aprendeu a depender de Deus e da sua graça. Paulo, como ele próprio se refere em Filipenses 3, tinha muito que se gloriar na carne: era da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreu, quanto à lei fariseu, mestre em Israel, cidadão romano, intelectual, justo e irrepreensível no proceder, um religioso por excelência; criado aos pés de Gamaliel, um mestre muito reputado pelos religiosos judeus.

Na defesa de seu ministério apostólico aos irmãos de Corinto, Paulo fala de visões, revelações, e arrebatamentos que tivera na experiência transcendental com Deus. Revelações estas, que poderiam deixá-lo ensoberbecido, envaidecido. Deus, porém, na sua excelsa sabedoria, permitiu que um espinho de Satanás, o tocasse, para que a grandeza das revelações não o envaidecesse, e o tirasse da bênção e da obra que Deus iria realizar através dele. Paulo nos deixou um legado precioso que aprendeu com o sofrimento.

O texto fala de um mensageiro de Satanás, mas com um propósito bem definido por Deus “a fim de que não me exalte”. Aquele sofrimento foi infligido por Satanás, mas servindo a um propósito de Deus. O propósito de Deus era mantê-lo na mais absoluta dependência do Senhor. O texto traz um princípio maravilhoso: Num contexto de perdas, fraquezas,

¹⁹³ Bíblia Sagrada. Salmo 66:10.

¹⁹⁴ Bíblia Sagrada. II Coríntios 12:7-10.

dificuldades, o que se vislumbra não é a aproximação da derrota, mas do aprendizado, da dependência de Deus. Aquele espinho na carne acompanhou Paulo pelo resto de sua vida. O sofrimento pode ter vida longa, mas serve a um propósito de Deus. Muitas vezes o sofrimento é o caminho para a dependência de Deus.

“Famintos e sedentos, desfalecia neles a alma. Então, na sua angústia, clamaram ao Senhor e Ele os livrou das suas tribulações”¹⁹⁵. O sofrimento é a porta de entrada para aprendermos a depender de Deus. O homem que sempre confiou no dinheiro, talvez nunca sinta necessidade de Deus até que sua fortuna se vá. Em meio ao sofrimento Deus faz ecoar a sua voz no coração de Paulo quando diz “a minha graça te basta”.

7.6 Para a glória de Deus

Ao abordar o papel da dor na vida das pessoas Charles Stanley diz:

O sofrimento é o meio pelo qual Deus traz glória a si mesmo e a seu filho. Embora geralmente seja a última coisa a ser considerada como tal, o sofrimento é a ferramenta mais útil de Deus. Nada se compara quando se trata de glorificar a Deus, porque nada mais põe em destaque a nossa dependência, nossa fraqueza e a nossa insegurança quanto o sofrimento.¹⁹⁶

Veja-se o texto do Evangelho de João 9:1-3: “E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus”. O texto demonstra claramente que o sofrimento daquele homem tinha um propósito bem definido: A glória de Deus! O texto também ajuda a elucidar uma inverdade que paira sobre muitos. Nem todo sofrimento representa um castigo por algum pecado específico. A resposta de Jesus aos discípulos chocou e continua chocando a muitos. “Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus”. Parece absurdo, mas o sofrimento pode ser para a glória de Deus. Não são poucos os casos em que o sofrimento resultou em glória para Deus.

O sofrimento pode ser:

¹⁹⁵ Bíblia Sagrada. Salmo 107:5, 6.

¹⁹⁶ STANLEY, Charles. *A Arte de Superar Problemas. Uma solução espiritual para vencer as grandes adversidades da vida*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007. p. 47.

PREVENTIVO (2Cor 12:1-10); cf. Rm 8:34;
CORRETIVO (Hb 12:3-15), pois tem como resultados possíveis tanto a santidade quanto o fruto pacífico da justiça (cf. também Jo 15:2; 1 Co 11:29-32; 1 Jo 5:16).
EDUCATIVO. Os cristãos podem ser ampliados em sua vida espiritual pelo sofrimento. Ainda que Filho, Cristo aprendeu a obediência pelas coisas que Ele sofreu (Hb 5:8).¹⁹⁷

Ao tratar do porquê do sofrimento Chafer sumariza acima seu entendimento em três propósitos pelos quais Deus permite que se sofra.

¹⁹⁷ CHAFER, 2008, v.7 e 8, p. 261.

8 CONCLUSÃO, DOIS APÊNDICES E UMA PERGUNTA

Sabe-se que o sofrimento não faz acepção de pessoas. Assim como a graça comum vem sobre todos e o sol brilha sobre justos e injustos e assim como a chuva cai sobre bons e maus, todos estão sujeitos a enfrentar os dilemas do sofrimento.

“A dor é inevitável, mas o tormento é opcional”¹⁹⁸, ou seja, a dor não precisa necessariamente se tornar algo tormentoso. Pode-se evitar que a dor acenda fogueiras de ressentimentos e amarguras. A vida cristã não é uma apólice de seguros contra o sofrimento, ao contrário, a Bíblia é sobeja em apontar para o cristão um sofrimento diferenciado e mais agudo. Citado por Kendall, Charles Coulson traduziu bem essas verdades ao dizer: “Jesus não promete que nos tirará do fogo; promete entrar no fogo conosco”¹⁹⁹.

Em qualquer evento ou ação das criaturas neste mundo criado Deus sempre deve ser considerado como a causa primária e os seres racionais as causas secundárias. Não existe nenhum caso onde um ser humano ou angélico age independentemente de uma ação divina. Não existe nenhum ser autônomo, exceto Deus, porque este pode agir imediatamente em qualquer coisa, sem depender de ninguém.

Sabe-se bem que nem todos aceitam a autoridade da Bíblia, e por causa disso, outros sistemas de verdades são utilizados. Ora, o que se entende é que o ceticismo em relação à Bíblia pode se tornar um sistema de verdade, por conseguinte todas as cosmovisões não cristãs buscam fundamentação em outras fontes para endossar suas pressuposições.

Apresentamos ao longo desta exposição várias concepções filosóficas e religiosas que buscam entender o sofrimento. Na ambiência teísta apresentamos as várias correntes teológicas e suas contribuições na busca de um entendimento sobre o mal. Contudo, enxergamos na teologia reformada os argumentos mais palusíveis sobre o assunto que norteou esta dissertação. A Bíblia, segundo essa corrente teológica, não apresenta apenas um sistema de verdades acerca do sofrimento, mas gira em torno do maior sofredor que já existiu.

¹⁹⁸ RICHARDS, James B. *Como Parar a Dor*. Belo Horizonte/BH: Motivar, 2005. p. 141.

¹⁹⁹ KENDALL, R.T. *Esboços de Teologia, Doutrina e Sermões*. São Paulo: Candeia, 2007. p. 537.

8.1 O maior sofredor que existiu: Jesus

James Long ao se referir ao início do ministério de Jesus com o pronunciamento das bem-aventuranças se impressiona com “a maneira ímpar de começar um sermão e uma carreira. Oito pronunciamentos delineando a alegria coexistindo com a dor”²⁰⁰. Jesus começa seu ministério fazendo alusão à dor e ao sofrimento, mas também da possibilidade de experimentar uma alegria sobrenatural se o pior da vida sobrevier. Jesus fala do sofrimento e o experimenta numa dimensão que foge à compreensão humana.

No livro de Ervin Lutzer “As Dez Mentiras sobre Deus” um capítulo nos impressiona. Deus sofre²⁰¹! Deus não é indiferente ao sofrimento. Jesus é a melhor resposta de todas ao problema do mal. O Deus-homem suportou tudo o que nós suportamos, mas numa dimensão muito mais elevada. Ao experimentar o sofrimento Jesus mostrou ao mundo que ninguém entende o sofrimento ou o problema do mal tão bem quanto o próprio Deus. Em plena tragédia da Segunda Guerra Mundial, dizia Dietrich Bonhoeffer: “somente um Deus que sofre pode nos ajudar”²⁰².

O sofrimento de Deus em Cristo foi necessário para a redenção da humanidade, pois não poderia haver perdão sem a cruz. Que exemplo tremendo Cristo forneceu quando Ele resistiu à dor, humilhação e vergonha diante da aparente vitória do mal! “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”²⁰³. Pannenberg também entende assim que “a própria mensagem da reconciliação do mundo pela morte de Cristo representa uma resposta à existência do mal e dos males no mundo”²⁰⁴. Que vitória plena o Filho de Deus obteve na sua ressurreição, vencendo a morte e os poderes do mal e garantindo a vitória final dos redimidos!

Quando se reconhece que Aquele que foi pregado na cruz é o mesmo que disse: “Quem me vê a mim vê o Pai”²⁰⁵, sabe-se que nenhuma angústia ou sofrimento humano está além do seu conhecimento ou entendimento. Antes, o apóstolo Pedro adverte com as seguintes palavras:

Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes

²⁰⁰ LONG, James. *Por Que Deus Fica Em Silêncio Quando Mais Precisamos Dele?* Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 122.

²⁰¹ LUTZER, Erwin. *10 Mentiras sobre Deus*. São Paulo: Vida, 2003. p. 83.

²⁰² BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão. Castas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo/RS: Sinodal/EST, 2003. p. 638.

²⁰³ Bíblia Sagrada. II Coríntios 5:19a

²⁰⁴ PANNENBERG, 2009, p. 822.

²⁰⁵ Bíblia Sagrada. João 14:9

chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente²⁰⁶.

Nenhum homem pode seguir os passos de Jesus e esperar escapar do sofrimento. Deus e o Seu Filho sofreram muito para redimir o homem dos seus pecados. Se Deus pode transformar a vergonha da cruz em glória e vitória, Ele pode ajudar a transformar as cruces de tristeza e adversidade em coroas de glória e formosura.

Essas assertivas contradizem os “apóstolos” da prosperidade que “profetizam” uma vida alheia e a margem do sofrimento. É pouco provável que Deus possa usar grandemente qualquer homem até que Ele o tenha experimentado no sofrimento.

Ainda sobre o exemplo de Cristo, Kendal identifica 10 níveis da dimensão da dor de Jesus à luz do Evangelho de Mateus:

1. Relacionamentos na família (João 7:1-5);
2. Condições de vida (Mateus 8:20);
3. Ser mal compreendido (2:18,19);
4. Ser ridicularizado (Mateus 9:24);
5. Solidão (Mateus 26:45);
6. Humilhação (Mateus 27:28 ss);
7. Julgamento injusto (Mateus 27);
8. Tormento emocional (Mateus 27:40);
9. Dor física (Mateus 27:32-25);
10. Dor espiritual (Mateus 27:46)²⁰⁷.

Não há dor que Jesus não tenha experimentado e a cruz de Cristo nos oferece grandes respostas para o problema do sofrimento. Ravi Zacharias sumariza em três:²⁰⁸

A Cruz simboliza a ira do homem contra Deus. Não há limites para onde qualquer um de nós pode chegar longe de Deus. Não foi a quantidade de mal que levou Cristo à cruz, mas a sua realidade. A cruz é o retrato da suprema rebelião do homem contra Deus.

Assim como a cruz simboliza a degradação do homem e o mal que ele pode produzir em seu estado de rebelião contra Deus, a cruz de Cristo retrata o alcance do amor de Deus pelo homem falido de qualquer inclinação para bem. O perdão de Deus na cruz nos possibilita enxergar um novo começo.

²⁰⁶ Bíblia Sagrada. I Pedro 2:20-23.

²⁰⁷ KENDALL, 2007, p.541

²⁰⁸ ZACARIAS, Ravi. *Pode o Homem Viver Sem Deus?* São Paulo: Mundo Cristão, 1997. p. 223.

A cruz de Cristo é a mais contundente voz de que Deus não está longe do sofrimento, antes Ele o experimentou na sua maior extensão. Deus fez algo a respeito do sofrimento, mostrou toda a sua malignidade e sua abrangência na cruz, mas também extraiu desse maior mal a cura para todas as dores: o perdão eterno. “Os apóstolos consideravam a morte de Cristo como símbolo da soberania de Deus sobre o sofrimento”²⁰⁹. E como evidência da operação da soberania de Deus sobre as forças do mal disseram: “Porque verdadeiramente se ajuntaram, nesta cidade, contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, não só Herodes, mas também Pôncio Pilatos com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho predeterminaram que se fizesse”.²¹⁰ Antes da fundação do mundo Deus já planejara transformar a morte de seu Filho amado, que parecia ser uma derrota trágica, em a mais extraordinária vitória da humanidade. Como disseram Karin Wondracek e Carlos Hernández o paradoxo da cruz serve para expressar a tensão entre realidades conflitantes, pois “na cruz está colocado o autêntico problema da humanidade: a miséria do mundo e a vitória sobre o mesmo”²¹¹.

8.2 O céu como parte da resposta

Não há respostas simples para a questão do sofrimento. O calvário apresenta a mais contundente resposta ao sofrimento. Uma resposta prevista antes da fundação do mundo. No calvário havia três cruces. Uma para um justo e duas para dois malfeitores. Um inocente e dois culpados. Sobre o sofrimento essas três cruces trazem uma realidade: neste mundo sofrem justos e culpados. Gente inocente e gente inescrupulosa estão sujeitas as mazelas e à dor. Todos sofrem, inclusive o filho de Deus sofreu.

Muitas das respostas relativas ao sofrimento não serão obtidas aqui na terra. Jó é um exemplo claro de que das suas dezesseis perguntas alçadas ao céu nenhuma foi respondida. Contudo uma palavra final precisa ser dita em relação ao sofrimento humano: essa palavra é “céu”. “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória,

²⁰⁹ FERNANDO, Ajith. *A Supremacia de Cristo. Conhecendo o único caminho*. São Paulo: Shedd Publicações, 2002. p. 213.

²¹⁰ Bíblia Sagrada. Atos 4:27,28.

²¹¹ WONDRAČEK, Karin. HERNÁNDEZ, Carlos. *Aprendendo a Lidar Com Crises*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2008. p, 75.

acima de toda comparação”²¹². Nesta vida, mesmo com o auxílio da filosofia e teologia, assim como ciências afins perguntas ficarão sem respostas, portanto não poderemos elucidar em detalhes cada sofrimento humano. Mas além desta vida existe uma resposta para toda a dor. Um lar preparado pelo próprio Deus. Lá, todas as lágrimas serão extintas dos olhos. Nesse mundo além da dor não haverá tristeza, só alegria.

Enquanto isso, nas palavras de Ron Dunn: “Alegria não é a ausência de dor, mas a presença de Deus”²¹³. Jesus carregou o fardo da cruz para que o homem tenha acesso a essa alegria já nesta vida. Os apóstolos e os mártires enfrentaram cárceres e perseguições para preservar as boas novas da vida eterna. Enquanto viaja-se rumo a essa morada, fitando os olhos na direção da cidade cujo construtor e idealizador é Deus, descobre-se que o fardo fica mais leve. Pode-se olhar além das lutas e frustrações desta vida e fazer eco com o autor do livro de *Eclesiastes* de que o melhor ainda está por vir.

No sofrimento a última palavra é de Deus. Para aqueles que confiam no Senhor mesmo nas circunstâncias mais terríveis, o plano de Deus se cumprirá cabalmente e então serão experimentadas a promessa que todas as coisas “concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”²¹⁴. Enquanto o céu não chega bem tem razão o pastor Marcelo Aguiar ao dizer “que o canto mais bonito que existe é o do rouxinol, um pássaro que só canta de noite. Da mesma forma, o louvor mais belo é aquele prestado ao Senhor nas horas escuras da tribulação”²¹⁵. Não há noite tão escura que Deus não possa inspirar “canções durante a noite”²¹⁶.

Sofrer sempre será um desafio à mente humana até que se chegue ao céu. Porém, pode-se encontrar algum significado no sofrimento à medida que afirma e confia na providência de Deus mesmo em momentos em que não se entende o que está acontecendo. São oportunas as palavras de Millard Erickson a esse respeito:

Se esta vida fosse única, com certeza o problema do mal seria insolúvel. Mas a doutrina cristã da vida futura ensina que haverá um grande tempo de julgamento. Cada pecado será reconhecido e os fiéis também serão revelados. O julgamento será totalmente justo. A punição para o mal será ministrada, e a dimensão final da vida eterna será assegurada para os que tiverem atendido à oferta amorosa de Deus.²¹⁷

Enquanto esse dia não chega o sofrimento pode ser a voz mais audível de Deus para aqueles que estão anestesiados seja pela dor, seja pelo distanciamento de Deus. De novo as

²¹² Bíblia Sagrada. II Coríntios 4:17.

²¹³ DUNN, Ron. *Por Que Deus Não Me Cura?* São Paulo: Mundo Cristão, 1999. p. 213.

²¹⁴ Bíblia Sagrada. Romanos 8:28.

²¹⁵ AGUIAR, Marcelo. *Nos Desertos da Vida*. Belo Horizonte: Betânia, 2000. p. 85

²¹⁶ Bíblia Sagrada. Jó 35:11.

²¹⁷ ERICKSON, 2005, p. 191.

palavras de Lewis são oportunas: “Deus nos sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas brada em nosso sofrimento: o sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo”²¹⁸. Mas, um dia estaremos no céu e como disse John Flavel “quão belo será ver, de uma só vez, todo o plano da providência e a razão exata para cada ato de Deus”²¹⁹.

8.3 Sua cabana está em chamas?

Em desespero, mas orando fervorosamente para Deus o salvar o único sobrevivente de um naufrágio conseguiu chegar a uma pequena ilha desértica. Diariamente o náufrago olhava atentamente o horizonte à espera de ajuda, mas a esperança ia desaparecendo à medida que os dias se estendiam. Em meio à desesperança ele resolveu construir uma pequena cabana de madeira e palhas para se proteger e guardar os poucos pertences que lhe serviram de salvas. Um dia após retornar a sua cabana depois de uma enfadonha procura de algo para comer, para sua surpresa e apreensão, chocou-se a terrível cena de sua cabana em chamas cuja fumaça alcançava os céus. O pior tinha acontecido. Tudo que restava se tornou em cinzas. O náufrago ficou atordoado e bradou aos céus: "Deus, como pôde fazer isso comigo! Tudo que me restava virou cinzas." Silêncio! Porém, cedo do dia seguinte ele foi despertado pelo som de um navio que estava chegando à ilha. O navio havia chegado para salvá-lo. Num misto de euforia, lágrimas e sorrisos ele pergunta: "Como vocês sabiam que eu estava aqui?" "Nós vimos o sinal da fumaça", responderam os tripulantes.

Esta pequena explica porque Robert K. Hudnut em seu livro *Encontrando Deus na Escuridão* repete com tanta frequência e expressão “a esperança nasce no desespero”. “A esperança nasce do desespero, termo que cuja raiz significa “sem esperança”. A esperança começa onde nós terminamos”²²⁰.

A pequena história também pode refletir o pensamento de Eckhart Tolle de que o sofrimento deseja sobreviver, mas para isso precisa conseguir que nos identifiquemos inconscientemente com ele. “Sofrimento só se alimenta de sofrimento. Não consegue se

²¹⁸ LEWIS, 2001, p. 105.

²¹⁹ FLAVEL, 1987, p. 8.

²²⁰ HUDNUT, Robert k. *Encontrando Deus na escuridão*. São Paulo: Candeia, 1996. p. 235.

alimentar de alegria. Acha-a indigesta”²²¹. Não se alimente de sofrimento. Faça uma dieta contra o sofrimento, pois como bem disse alguém: “no precipício nós mudamos”²²².

Deus está trabalhando em nossas vidas, até mesmo em meio à dor e o sofrimento. Lembre-se, da próxima vez em que sua cabana estiver em chamas, aquilo que pode ser apenas cinzas pode também ser um sinal em forma de fumaça da providência de Deus²²³. Ainda que se esteja como náufragos nas ilhas do sofrimento é preciso fazer ecoar essas palavras no coração: “nosso futuro não depende das circunstâncias. Nosso futuro não está em nossas mãos. Nosso futuro não depende de governos e governantes. Nosso futuro não está à deriva. Nosso futuro está nas mãos do Senhor”²²⁴.

Diante da certeza de que o mal e o sofrimento constam do decreto de Deus e o profeta Amós sabia disso quando diz acerca do Senhor: “Ocorre alguma desgraça na cidade, sem que o Senhor a tenha mandado?” Temamos ao Deus que tudo controla, inclusive o seu, o meu, o nosso sofrimento. O sofrimento não é obra do acaso. O mal e o sofrimento fazem parte do plano de Deus antes da fundação do mundo. O sofrimento serve a propósitos de Deus. O profeta Jeremias expressa essa certeza quando diz:

Embora entristeça a alguém, contudo terá compaixão segundo a grandeza da sua misericórdia. Porque não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens... Quem é aquele que manda, e assim acontece, sem que o Senhor o tenha ordenado? Não sai da boca do Altíssimo tanto o mal como o bem?²²⁵

Aos que sofrem, o lenitivo das Escrituras Sagradas é expresso em simples sentenças proferidas por Hernandes Dias Lopes:

Deus não nos poupa do sofrimento, mas caminha conosco pelo sofrimento Is 43:1-3; Sl 23:4;
Deus trabalha as circunstâncias dolorosas da nossa vida e as canaliza para o nosso bem (Gn 50:20; Rm 8:28);
Deus transforma as circunstâncias adversas em benefício para nós (Sl 84:5-7);
Mesmo que as circunstâncias não mudem, Deus mesmo é a razão da nossa alegria – Hc 3:17-18);
Podemos nos alegrar nas próprias tribulações (Rm 5:3-5; Tg 1:2)²²⁶.

Bem disse A. W. Pink que não devemos ter qualquer hesitação em dizer:

²²¹ TOLLE, Eckhart Tolle. *O Poder do Agora. Um guia para a iluminação espiritual*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 40.

²²² NETO, Manoel. *Quando Tudo Falha: As Crises Revelam Quem Verdadeiramente Somos*. São Leopoldo/RS: CEBI, 2009. p. 47.

²²³ Extraído e adaptado a partir de uma ilustração disponível em:

<<http://www.hermeneutica.com/ilustracoes/necessidade.html>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

²²⁴ NETO, Manoel. *Há Esperança: Certezas Para Tempos de Incertezas*. São Leopoldo/RS: CEBI, 2009. p. 94.

²²⁵ Bíblia Sagrada. Lamentações 3:32-33, 37-38:

²²⁶ LOPES, Hernandes Dias Lopes. *Como Enfrentar o Sofrimento Vitoriosamente*. São Paulo: Arte Editorial, 2009. p. 21.

O mal que Ele abençoa é nosso bem,
 E o bem que Ele não abençoa é o nosso mal,
 Se for da terna vontade de Deus,
 Tudo é certo, por mais errado que pareça²²⁷.

A palavra final sobre o sofrimento que insiste em querer ser um desafio à fé e um obstáculo à teologia que refuta o fato de Deus haver decretado o mal é a de Pannenberg:

Enquanto permanecer sólida a fé em Deus, o Criador, a questão da teodiceia não pode realmente ameaçá-la, porque faz parte de uma fé dessas sempre a convicção da superioridade de Deus e de seus desígnios sobre todo o entendimento das criaturas. É somente quando a existência do Criador é tratada como suposição problemática, carente de fundamentação, que o problema da teodiceia adquire importância, sendo facilmente o motivo do ateísmo²²⁸.

Finalmente a última palavra acerca da dor e do sofrimento é a que faz coro com Ruth Tucker: “Não sei por que algumas pessoas se afligem mais que outras com uma sensação de ausência de Deus, mas quanto a mim, procurarei ser fiel a Deus mesmo se meu único *habitat* for na paisagem ao lado de pessoas que viram Deus excluído de seus horizontes”²²⁹.

²²⁷ PINK, A.W. *A Soberania de Deus*. São Paulo: Fiel, 2002. p. 168.

²²⁸ PANNENBERG, 2009, p. 825.

²²⁹ TUCKER, 2008, p. 171.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Marcelo. *Nos Desertos da Vida*. Belo Horizonte: Betânia, 2000.
- AGUIAR, Marcelo. *O Enigma de Jó. Por Que o Justo Sofre?* Belo Horizonte: Betânia, 2005.
- AULÉN, Gustaf. *A Fé Cristã*. São Paulo: ASTE, 2002.
- BECKER, Verne. STAFFORD, Tim. YANCEY, Philip. *O Que Não Me Disseram Quando Me Converti*. Rio de Janeiro: Juerp, 1995.
- BECKWITH, J. Francis. CRAIG, William Lane. MORELAND, J.P. *Ensaio Apologético: Um Estudo Para Uma Cosmovisão Cristã*. São Paulo: Hagnos, 2004.
- BERKHOF, Louis Berkhof. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- BILLHEIMER, Paul. *O Mistério da Providência de Deus*. São Paulo: Vida, 2006.
- BONHOEFFER, DIETRICH. *Resistência e Submissão. Castas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo/RS: Sinodal/EST, 2003.
- BRAATEN, Carl E. & JESSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. São Leopoldo/RS: IEPG/Sinodal, 2003. v.1.
- BRUNNER, Emil. *Dogmática: Doutrina cristã da criação e redenção*. São Paulo: Fonte editorial, 2006. v.2.
- CARTER, Tom. *13 Perguntas Cruciais Que Jesus Quer Fazer A você*. São Paulo: Vida, 1999.
- CHANDLER, Russel. *Compreendendo a Nova Era*. São Paulo: Bompastor, 1993.
- CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- CHEUNG, Vicent. *Sobre o Bem e o Mal*. Brasília: Editora Monergismo, 2009.
- CRABB, Larry. ALLENDER, Dan. *Esperança No Sofrimento*. São Paulo: Sepal, 2000.
- DAGG, John. *Manual de Teologia*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2003.
- DAVIS, John. *Novo Dicionário da Bíblia Ampliado e Atualizado*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- DOBSON, James. *Quando Deus Não Faz Sentido*. São Paulo: Bompastor, 2000.
- DORNAS, Lécio. *Ganhe Com Perdas*. Rio de Janeiro: MK, 2003.
- DUNN, Ron. *Por Que Deus Não Me Cura?* São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Volumes 1, 2, 3. São Paulo: Vida Nova. 2009.

- ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- FEINBERG, John. *Apesar do Sofrimento. Quando Parece que Deus nos enganou*. São Paulo: Ecclesia, 1998.
- FERNANDO, Ajith. *A Supremacia de Cristo. Conhecendo o único caminho*. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.
- FERREIRA, Franklin. Myatt, Alan. *Teologia Sistemática. Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- FITCH, William. *Deus e o Mal*. São Paulo: Pess, 1984.
- FLAVEL, John. *Se Deus Quiser*. São Paulo: PES, 1987.
- FOSTER, George. *Paz Interior Em Tempos de Crise*. Belo Horizonte/BH: Betânia, 2004.
- GAARDER, Justin. HELLERN, Victor. NOTAKER, Henry. *O Livro Das Religiões*. São Paulo: Schwarcz, 2007.
- GEISLER, Norman. *Enciclopédia de Apologética. Respostas aos críticos da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001.
- GILBERTO, Antonio; ANDRADE, Claudionor; SANCHES, Ciro Zibordi; CABRAL, Elienal; RENOVATO, Elinaldo; SOARES, Esequias; COUTO, Geremias; SILVA, Pedro; GABY, Wagner. *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- GERSTENBERGER, Erhard S. SCHRAGE, Wolfgang. *Por Que Sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*. São Leopoldo/RS: Sinodal/EST/Cebi. 3ª Ed., 2007.
- GRENZ, Stanley J. GURETZKI, David. NORDLING, Cherith FEE. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 1999.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Atual e Exhaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- HELM, Paul. *A providência de Deus*. Série Teologia Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- CHARLES, Hodge. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HORDERN, William. *Teologia contemporânea*. São Paulo. Hagnos, 2004.
- HUDNUT, Robert k. *Encontrando Deus na escuridão*. São Paulo: Candeia, 1996.
- JONES, D.M. Lloyd. *Por Que Deus Permite a Guerra?* São Paulo: PES, 2009.
- JONES, Stanley. *Cristo e o Sofrimento Humano*. São Paulo: Vida, 2006.
- INHAUSER, Marcos. *Opção Pela Vida. O Segredo da Vitória Sobre As Perdas*. United Press. Campinas/SP, 2000.
- KEELEY, Robin. *Fundamentos da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2000.
- KENDALL, R.T. *Esboços de Teologia, Doutrina e Sermões*. São Paulo: Candeia, 2007.

KENNEDY, D. James. *Como É Deus. Verdades Transformadoras Sobre O Deus Imutável*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

KIZZIAR, Dennis. *Vencendo as Crises. Uma abordagem bíblica e objetiva diante das adversidades*. Brasília: Palavra, 2006.

KREEFT, Peter. TACELLI, Ronald. *Manual de Defesa da Fé. Apologética Cristã*. Rio de Janeiro: Geográfica, 2008.

LANGSTON, A. B. *Esboços de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

LEWIS, C. S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Vida, 2001.

LONG, James. *Por Que Deus Fica Em Silêncio Quando Mais Precisamos Dele?* Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

LOPES, Hernandes Dias Lopes. *Como Enfrentar o Sofrimento Vitoriosamente*. São Paulo: Arte Editorial, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. *Tiago: Transformando provas em triunfo*. São Paulo: Hagnos, 2006.

LUTZER, Erwin. *10 Mentiras sobre Deus*. São Paulo: Vida, 2003.

LUTZER, Erwin. *Cristo Entre Outros Deuses*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

MACARTHUR, John, Jr. *O Poder do Sofrimento: O propósito das provações na vida do crente*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

MCGRATH, Alister. E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

MCGRATH, Alister. E. *Teologia Histórica: Uma Introdução à História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

NETO, Manoel. *Quando Tudo Falha. As Crises Revelam Quem Verdadeiramente Somos*. São Leopoldo: CEBI, 2009.

NETO, Manoel. *Há Esperança: Certezas Para Tempos de Incertezas*. São Leopoldo: CEBI, 2009.

PACKER, James I. *Teologia Concisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

PACKER, James I. NYSTROM, Carolyn. *Nunca Perca a Esperança*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

PACKER, James I. *A Soberania de Deus e a Evangelização*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

PALAU, Luis. *Deus é Essencial*. Campinas/SP: United Press, 2001.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. Santo André/SP: Academia Cristã/Paulos. Volume III, 2009.

- PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Fé e sofrimento. A espiritualidade que nasce da dor*. Rio de Janeiro: Vinde, 1997.
- PINK, A.W. *A Soberania de Deus*. São Paulo: Fiel, 2002.
- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso; METZGER, Bruce M. *Estudos do Vocabulário do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- PIPER, John. *O Sorriso Escondido de Deus*. São Paulo: Shedd, 2005.
- PIPER, John. TAYLOR, Justin. *O Sofrimento e a Soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- PIPER, John; TAYLOR, Justin; HELSETH, Paul K. *Teísmo Aberto: Uma teologia além dos limites bíblicos*. São Paulo: Vida, 2001.
- PRITCHARD, Ray. *Creia Sempre. Experimentando a presença de Deus em todos os momentos*. São Paulo: Vida, 2000.
- RYRIE, Charles C. *Teologia Básica ao Alcance de Todos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- RHODES, Rom. *Por que coisas ruins acontecem se Deus é bom*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- RICHARDS, James B. *Como Parar a Dor*. Belo Horizonte/BH: Motivar, 2005.
- SCHERER, Burkhard (Org.). *As Grandes Religiões: temas centrais comparados*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.
- SCHIMIDT, Alaid Schiavone. *Como Encarar o Sofrimento: As cosmovisões existentes e a teologia do controle de Deus*. São Paulo: Arte Editorial, 2008.
- SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de Teologia Sistemática*. Curitiba/PR: A.D. Santos, 2003.
- SITTSER, Jerry. *Quando Deus Não Responde À Sua Oração*. São Paulo: Vida, 2006.
- SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* São Leopoldo/RS: Sinodal, 2007.
- SPROUL, R.C. *Surpreendido Pelo Sofrimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- STANLEY, Charles. *Como lidar Com o Sofrimento*. Belo Horizonte: Betânia, 1995.
- STANLEY, Charles. *A Arte de Superar Problemas. Uma solução espiritual para vencer as grandes adversidades da vida*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.
- STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. São Paulo: Vida. 2000.
- STROBEL, Lee. *Em Defesa da fé*. São Paulo: Vida, 2002.
- THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. São Paulo: Imprensa Regular do Brasil, 2006.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. Sinodal, 5. ed. atualizada, 2005.

TOLLE, Eckhart Tolle. *O Poder do Agora. Um guia para a iluminação espiritual*. Sextante. Rio de Janeiro, 2002.

TUCKER, Ruth. *Fé e Descrença: O drama da dúvida na vida de quem crê*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

VOS, Johannes Geerhardus. *Catecismo Maior de Westminster*. São Paulo: Os Puritanos, 2002.

WALDVOGEL, Luiz. *Se Deus Existe e é Amor Por Que Tanta Gente Sofre?* Belo Horizonte/MG: Betânia, 1983.

WELLS, Mike. *Problemas, Presença de Deus e Oração. Como sentir o amor de Deus em meio as aflições da vida*. São Paulo: Abba Press, 2001.

WENHAM, John W. *O Enigma do mal. Podemos Crer na Bondade de Deus?* São Paulo: Vida Nova, 1989.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo. Volume II*. Santo André: Geográfica, 2006.

WILSON, Bill. *Respostas Convincentes: O melhor de Josh McDowell*. São Paulo: Hagnos, 2006.

WONDRACEK, Karin. HERNÁNDEZ, Carlos. *Aprendendo a Lidar Com Crises*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2008.

YANCEY, Philip. *Deus sabe que sofremos*. São Paulo: Vida, 2002.

YANCEY, Philip. STAFFORD, Tim. *Desventuras da Vida Cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ZACARIAS, Ravi. *Pode o Homem Viver Sem Deus?* São Paulo: Mundo Cristão, 1997.